



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

FABIANE CRISTINA DE OLIVEIRA COTA (CRIS COTA)

**O POVO DE PARIS: MELODRAMA – CONVENÇÃO E JOGO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

FABIANE CRISTINA DE OLIVEIRA COTA (CRIS COTA)

**O POVO DE PARIS: MELODRAMA – CONVENÇÃO E JOGO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca de Defesa como etapa do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas da UNIRIO. Área de pesquisa e atuação: Processos Cênicos em Educação

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Merisio

Rio de Janeiro

2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

C

Cristina de Oliveira Cota, Fabiane

O Povo de Paris: Melodrama- Convenção e Jogo na Educação de Jovens e Adultos / Fabiane Cristina de Oliveira Cota. --

Orientador: Paulo Ricardo Merisio.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Especialização em Mestrado Profissional no Ensino de Artes
Cenicas, 2024.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

**O POVO DE PARIS: MELODRAMA – CONVENÇÃO E JOGO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

POR

FABIANE CRISTINA DE OLIVEIRA COTA (CRIS COTA)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Ricardo Merisio
Presidente e Orientador (PPGEAC/UNIRIO)

Profª. Dra. Angela de Castro Reis (PPGEAC/UNIRIO)

Prof. Dr. Getúlio Gois de Araújo (UFU)

A banca considerou a dissertação: aprovada.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2024.

Av. Pasteur, 436-Urca, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22290-240

secretaria.ppgeac@unirio.br

AGRADECIMENTOS

“Quando há amor todas as peças se encaixam” este é o lema do Autismo usado por mães atípicas, mundo a fora. E este é o lema que cerca minha vida e deu sentido a ela, principalmente depois que o Heitor chegou. Meu menino de olhos brilhantes me tornou uma artista mais sensível, mais potente e mais viva. Por essa razão eu agradeço a Deus pelo presente de estar em minha vida. O martelar transformou meu mundo e a vontade de fazê-lo mais justo, digno e incrível, principalmente para crianças como você, meu Heitor.

Jamais poderia esquecer do meu amigo, companheiro de estrada e meu amor (porque o amarei para sempre), Sérgio, que divide comigo a vida, sendo o pai precioso e companheiro para o nosso pequeno. Assim como minha família, pais e irmãos que fazem do amor a cola para todas as peças se encaixarem, a rede de apoio de vocês é fundamental. Eu amo vocês. Obrigada por tudo!

Eu sou feita de sonhos, dos mais simples aos complexos e em tantos anos de estrada e depois de muito flerte com o teatro, estou aqui feliz e grata a todos os meus amigos do Grupo Cultural Cochicho na Coxia, e que ainda tenhamos muito o que sonhar. Ao Grupo, deixo aqui registrado, meu respeito, admiração, mas principalmente desejo de crescimento e entendimento do nosso grupo das nossas potencialidades e da nossa força como agentes de cultura e arte. O Cochicho possui atores e produtores talentosos, inteligentes e generosos. Obrigada!

Ao Dr. Paulo Ricardo Merisio, meu orientador, deixo aqui registrado minha admiração, gratidão e enorme carinho, principalmente pelo seu olhar cheio de empatia, uma marca que acredito se estender a todo o programa do PPGEAC/UNIRIO.

A minha banca, Angela Reis e Getúlio Goes, obrigada pelo olhar sob meu memorial de pesquisa, sobretudo com respeito e extraindo o que há de melhor dentro do meu trabalho.

Eu poderia citar inúmeros profissionais educadores que passaram na minha estrada, mas com carinho, deixo minha gratidão a professora Elza de Andrade. A senhora marcou minha história, com seu jeito de ensinar, sua escuta e sua vontade de fazer dar certo.

Meus alunos, vocês me ensinaram a ser professora e me ensinam, com suas histórias de vida, a abrir minha escuta e tocam sempre o meu coração. A minha EJA, obrigada por toda nossa caminhada, bem como os meus alunos da rede Municipal do Rio. Agradeço também a todos os meus companheiros de magistério, aos que ainda permanecem comigo na luta, aos que estão em outras escolas, redes e aos que já se aposentaram e mesmo aqueles que partiram. Eu tenho sorte, tive o privilégio de encontrar quem está disposto a lutar, a fazer da sala de aula espaço de pesquisa, resistência e buscando fissuras a cada momento na dura realidade da escola pública.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar o Melodrama como ferramenta de convenção e Jogo na Educação de Jovens e Adultos. A experiência da prática artística que se reverbera na prática docente. Através de um memorial, analisamos o processo que sai do palco para sala de aula. Apresentando um laboratório de criação em Melodrama que passa pelo jogo do ator e do dramaturgo, a possibilidade da criação de jogos de tabuleiro, como ferramenta para o ensino do gênero, e os desdobramentos que causaram nos estudantes da VIII etapa da educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Professor Leopoldo Machado.

Palavras-chave: Melodrama. Educação de Jovens e Adultos. Processos Criativos. Teatro-Escola. Baixada Fluminense.

ABSTRACT

This paper aims to explore Melodrama as a tool for convention and play in Youth and Adult Education. The experimentation of Analyzing the artistic practice that reverberates in teaching practice. Through a memorial, we analyze the process that goes from the stage to the classroom. Presenting a laboratory of creation in Melodrama that goes through the game of the actor and the playwright, the possibility of creating board games, as a tool for teaching the genre, and the developments that caused in the students of the VIII stage of Youth and Adult Education of the Municipal School Professor Leopoldo Machado.

Key words: Melodrama. Youth and Adult Education. Creative Processes. Theater-School. Baixada Fluminense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	13
CAPÍTULO 1 –	
Experiências de atuação e dramaturgia no Grupo Cultural Cochicho na Coxia -----	20
1.1 Brincar de Faz de Conta -----	20
1.2 Afinal, quem são os cochicheiros? -----	33
1.3 Depois das Beterrabas -----	38
CAPÍTULO 2 – O povo de Paris: experiência pedagógica -----	
2.1 O tabuleiro do jogo, regras e o porquê da escolha do peão -----	55
2.2 Avance 1 casa. Laboratório experimental. O planejamento -----	59
2.3 Girando a Roleta, o jogo começou -----	62
2.4 Criando uma caixa de jogos -----	84
2.4.1 Jogo do Melodrama -----	84
2.4.2 Vamos criar o UNO? -----	85
2.4.3 Dixit -----	86
CONCLUSÕES -----	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	92
ANEXO 1: Texto <i>Folhetim</i> -----	94
ANEXO 2: Entrevista com os fundadores do Grupo Cochicho na Coxia ---	114

Lista de Figuras

Figura 01 – Elenco de “O Mistério de Feiurinha” (2006) primeiro espetáculo que participei com o grupo – Arquivo pessoal -----	27
Figura 02 – Pré-estreia do espetáculo “A Revolta dos Brinquedos”, no Centro Cultural Oscar Romero, (2006) -----	28
Figura 03 – QR CODE contendo vídeo de trecho da apresentação no CICAPD -----	31
Figura 04 - QR CODE contendo vídeo de trecho da apresentação no CICAPD -----	31
Figura 05 – Cochicheiros reunidos para realização do Projeto Formação de Plateia (2024), após apresentação do espetáculo infantil “A Pequena Sereia”. -----	36
Figura 06 – Divulgação do Espetáculo Folhetim (2021). Foto de Filipe Reis -----	41
Figura 07 – Imagem de Zezé Fonseca atriz que interpretou Anita na Rádionovela “Em Busca da Felicidade” e inspirou o nome da mocinha de “Folhetim” -----	45
Figura 08 – Cris Cota como Anita de Montemar -----	45
Figura 09 – Brandão Filho é o nome do interprete do mal caráter Mister Davis, sedutor de “Em busca da Felicidade”, e inspiração e homenagem para o nome do vilão de “Folhetim” ---	46
Figura 10 – O ator Renato Penco caracterizado como o personagem Brandão Filho de “Folhetim” -----	46
Figura 11 – Aurélio Andrade era o Locutor que anunciava os capítulos de “Em busca da Felicidade” -----	47
Figura 12 – Adriano Canindé como o Mocinho Aurélio de Folhetim -----	47
Figura 13 – Yara Sales, interpreta Carlota Moraes -----	48
Figura 14 – Jaqueline Paiva interpreta a vilã Carlota Moraes -----	48
Figura 15 – Lourdes Mayer deu a voz a “Constança” na Rádionovela “Em Busca da Felicidade” e da sonoridade do nome da personagem e seu sobrenome, criou-se o nome da personagem Constança Mayer, de origem cigana -----	49
Figura 16 – Thais Aquino como Constanza Mayer em Folhetim -----	49
Figura 17 – Maria Helena era uma importante radialista da época. E principal locutora da Colgate marca patrocinadora de “Em busca da Felicidade” -----	50
Figura 18 – Palloma Sobreira como Maria Helena narradora na trama de “Folhetim” -----	50

Figura 19 – Diego Lessa como Narciso Calado. Seu nome é uma brincadeira pelo fato de seu personagem não falar. O personagem revela-se como uma grande vilão em “Folhetim” --	50
Figura 20 – Lorryne Azeredo como Inezita Matraca -----	51
Figura 21 – Everton Barros interpretando Bechara Jolkes. Ator surdo -----	52
Figura 22 – Imagem retirada do site Rádio Nacional, levantada em pesquisa sobre Radionovelas, que auxiliaram na criação do texto de “Folhetim” -----	52
Figura 23 - Vídeo produzido no laboratório de criação. Exercício “TOMATE” utilizando frases melodramáticas. Alunos da Turma Senhorita Rosa -----	65
Figura 24 – Alunos da turma Tony Gourmet em exercício com um jogo inspirado pelo “Jogo da Vida” -----	68
Figura 25 – Carta confeccionada para o jogo inspirado no UNO. Imagem do personagem João Grilo, personagem tipo do Bobo -----	72
Figura 26 – Aluno confeccionando carta de baralho inspirado no Jogo UNO -----	73
Figura 27 – Vídeo com a Turma Tony Gourmet no jogo do “Que som é esse?” -----	74
Figura 28 – Vídeo das Alunas da turma Tony Gourmet explorando a icônica cena do filme Titanic (1997) na proa do Navio. -----	75
Figura 29 – Alunos da Turma Mordomo James reproduzindo cena da novela <i>Beleza Pura</i> (2008), cena que viralizou na internet -----	75
Figura 30 – Embate de Maria Clara e Laura Prudente da Costa (mocinha e vilã) na novela <i>Celebridade</i> (2003/2004) pela turma Senhorita Rosa -----	76
Figura 31 – Vídeo da Turma Mordomo James realizando a leitura de “O Céu uniu dois Corações” de Antenor Pimenta -----	77
Figura 32 – Alunos da Turma Senhorita Rosa discutindo sobre as narrativas a partir do jogo “Detetive” -----	78
Figura 33 – Alunos criando suas histórias, pequenas narrativas, a partir dos elementos do jogo “Detetive” -----	78
Figura 34 – Folhetim, 26 de Agosto 2022 – Encontrarte. Parte da plateia foi formada por alunos da Escola Municipal Professor Leopoldo Machado -----	81
Figura 35 – Alunas com o Cartaz de Folhetim -----	81

Figura 36 – Alunos na fila de entrada para o espetáculo Folhetim -----	82
Figura 37 – Imagem retirada do site <i>putzzila</i> , onde apresenta jogo Dixit -----	85
Figura 38 - Heróis e vilões: Nate Jedrzejewski (esquerda), Simon Bradbury (centro) e David Whalen estrelam <i>The Shaughraun</i> . Foto Suellen Fitzsimmon -----	85
Figura 39 – A Santa Donzela de Kent -----	86
Figura 40 – Desenho de uma figura de desenho animado de um vilão -----	86

INTRODUÇÃO

Povo de Paris

O Melodrama trata-se de um gênero teatral, que se consolida na França no século XIX, extremamente visual, marcado principalmente pelo exagero, por uma forma melódica e pelo caráter maniqueísta de suas personagens.

Tudo no Melodrama é marcado: os cenários, a música, as personagens, o texto repleto de reviravoltas, elementos que prendem e apaixonam o seu público. Os elementos são apresentados para o público de forma clara, sem que deixem espaços para dúvidas ou ambiguidades. Quando um personagem entra em cena, vemos claramente, através de seus elementos e caracterizações, de qual arquétipo se trata. Como a mocinha, por exemplo, que sempre demonstra leveza em suas ações, como se flutuasse em cena. Já o vilão apresenta, desde a caracterização de seu figurino, a sua vilania.

Este gênero, tão popular, vai ao longo de sua trajetória ganhando novos veículos; passa pelo circo-teatro, ganha as radionovelas, se expande para as novelas, programas de auditório e podemos percebê-lo, inclusive, na internet.

Como usa de uma estrutura maniqueísta e tem um apelo muito forte com a musicalidade, gera uma grande aproximação do público. Segundo Thelma Guedes (2017):

A estética do Melodrama nasceu do Alto da Revolução Francesa. E até hoje, um dos elementos que a telenovela tem e que vem do melodrama é a luta do bem contra o mal. É alguém injustiçado por outro. É a luta do bem e do mal. A virtude que foi oprimida e consegue triunfar. (GUEDES, 2017, p. 46)

E esta modalidade cênica se configura como um teatro de grande apelo popular. O *Povo de Paris*¹, referia-se a trabalhadores, pais e mães de família que lotavam as galerias e divertiam-se com os melodramas encenados. E através deles expressavam algum tipo de alívio em ver o triunfo do bem sobre o mal.

No início do século XVIII os melodramas aconteciam no *Boulevard du Crime*, onde a classe mais baixa da sociedade tinha a oportunidade de freqüentar o teatro. Sendo de natureza popular, o gênero era apresentado para o povo, ou seja, aos pobres de Paris que ficavam no lugar mais alto do teatro chamado de “paraíso”. As pessoas da classe mais baixa eram também as mais extasiadas e

¹ Expressão proposta por Philippe Gaulier, no módulo melodrama; ver em GAULIER (2016) e MERISIO (2017).

os atores melodramáticos se dirigiam para essas pessoas em especial. (FILHO e MERISIO, 2009, p. 8)

EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino composta, em sua maioria, por donas de casa, trabalhadoras e trabalhadores, pais e mães de família que não tiveram condições de iniciar ou prosseguir seus estudos no fluxo correto; ou até mesmo por jovens que, por motivos diversos, estão em um fluxo incorreto e a partir dos 15 anos necessitam ingressar no turno da noite.

Entre muitas histórias presenciadas na Educação de Jovens e Adultos, ouvi de diversos alunos, casos em que mulheres engravidaram na adolescência e precisaram parar de estudar, ou foram obrigadas por seus progenitores a não continuar seus estudos. Em grande maioria, são pessoas que vêm de outras regiões do país, sobretudo Norte e Nordeste e que tiveram que deixar os estudos para garantir o sustento da família. Figuras que diariamente preenchem os trens, os metrô, os ônibus e saem de sua cidade em busca de trabalho, que vêem na televisão – seja nas novelas, em *realitys shows* como Big Brother e/ou em programas variados da TV aberta –, na cerveja e na celebração em praça pública, ou mesmo nos cultos das diversas religiões; um alívio para uma rotina dura a qual são submetidos.

Esta proposta se propõe a experimentar o ensino de teatro na educação básica, em especial para jovens e adultos, partindo de um gênero em que eles já têm maior contato, seja por novelas, comerciais, programas de auditório, dentre outros. Figuras muito marcadas, tais como a mocinha ingênua ou o vilão terrível – somadas a personagens que servem como alívio cômico. Personagens que fazem parte do cotidiano dos veículos de massa e que permaneceram da estrutura melodramática. E dentro dessa perspectiva a ideia de iniciar os estudos partindo da linguagem melodramática.

Partindo de uma perspectiva Freiriana, em que o aluno, alfabetizado ou não, leva para dentro da escola suas próprias vivências e cultura, a experiência formativa deve se configurar como troca mútua entre educador e educando.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo

poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia” (FREIRE, 1996, p. 21)

Para ambos, o *Povo de Paris* e a EJA, o melodrama é uma maneira de experimentar o fazer teatral. De vivenciar uma história. No caso dos alunos da EJA, uma oportunidade de jogar e criar, com o desafio de ressignificar uma história em que o indivíduo possa conhecer as estruturas e signos teatrais a partir do gênero, e dentro das possibilidades de jogo, construir de fato reviravoltas inesperadas às personagens. Sendo uma fonte inesgotável de criação e ainda de pensamento crítico, a pesquisa em si, constitui-se em usar o melodrama nas salas de aula como um jogo e uma convenção, configurando uma ponte entre o saber deste, aluno do que já está colocado, ao que a proposta pretende compartilhar dentro da prática teatral.

Escolho como alegoria desse encontro, os trilhos. Já que me refiro aos trabalhadores de Japeri, que partem de Queimados à Central do Brasil, onde vemos uma transformação geográfica e cultural passando pela linha do trem. Uma transformação que salta aos olhos, principalmente daqueles que se deslocam da Central rumo a Zona Sul do Rio de Janeiro. E pensando nesse trilhar, na busca e nas próprias figuras que esses mesmos alunos vêem pela cidade. Vilões disfarçados em uma condução lotada, galãs ou mesmo bobos, que divertem o próprio trajeto. Portanto, darei início a partir, não só de um estudo teórico, mas também, da vivência dos próprios alunos, partindo do pressuposto que na vida somos todos um pouco melodramáticos.

O primeiro capítulo desta dissertação é uma reflexão sobre o melodrama no jogo do ator e como o gênero melodrama torna-se um caminho de pesquisa. Tudo isso através de uma visita aos 17 anos de estrada do meu trabalho dentro do Grupo Cultural Cochicho na Coxia, considerando a sua importância para a região e, principalmente, seu amadurecimento como teatro de grupo. Além de refletir acerca do ator da Baixada Fluminense, seus desafios no processo da sua formação profissional e os desafios da manutenção dos teatros de grupo na região.

Em 2015 iniciei, com o Grupo Cultural Cochicho na Coxia, estudos sobre *Melodrama*. E em 2017, o nosso espetáculo teatral passa a ter supervisão geral do professor Paulo Merisio, especialista na área. Esses estudos deram origem ao espetáculo teatral “*Tudo Menos*

Beterraba” (2018) e a esquete “*Melodrama em Jogo*” (2018); em ambos, meu trabalho está direcionado à atuação. Na “*Rádio Cochicho*” (2021) e em “*Folhetim*” (2021), além da atuação, exploro a dramaturgia.

Agora pretendo esmiuçar meus estudos sobre o Melodrama aplicando-os em sala de aula. Neste capítulo, o objetivo é de compreender o amadurecimento da escrita, visto que esse processo sempre esteve presente em meu trabalho dentro do grupo. E ainda, compartilhar as impressões da comunidade escolar e de meus alunos que estiveram presentes no Sesc Nova Iguaçu para assistir ao espetáculo “*Folhetim*” - de minha autoria, apresentado em agosto de 2022; e averiguar suas impressões sobre a história e o texto.

O segundo capítulo está voltado para as minhas experiências pedagógicas, tanto na Rede Municipal de Ensino, quanto como instrutora no Grupo Cochicho. Para este capítulo relato duas experiências pedagógicas: uma no laboratório de criação desenvolvido em sala de aula com alunos da 8ª etapa da educação de jovens e adultos.

Atuo na rede básica desde 2013, quando entrei para as prefeituras municipais do Rio de Janeiro e Queimados. No município do Rio de Janeiro trabalho com turmas de Fundamental I e II. No município de Queimados minha atuação é com o Fundamental II da Educação de Jovens e Adultos. Nestes 10 anos de magistério muitos foram os desafios encontrados.

E é para EJA que direciono o meu trabalho de pesquisa. Queimados é um dos 10 municípios da região da Baixada Fluminense. Segundo dados do IBGE, o município possui cerca de 151.335 habitantes, o que dá em média cerca de 23% da população do Estado do Rio de Janeiro. São 13 os municípios que compõe a Baixada Fluminense: Nova Iguaçu, São João de Meriti, Queimados, Guapimirim, Itaguaí, Mesquita, Duque de Caxias, Nilópolis, Belford Roxo, Seropédica, Paracambi e Japeri. Mas, afinal, o que é essa tal Baixada Fluminense?

O documentário intitulado “*Nunca Fui, mas me disseram*” (2007), foi replicado pelo Cine Mate com Angu, coletivo artístico de audiovisual de Duque de Caxias, que desde 2002, tem por missão viabilizar produções da Baixada. Neste projeto é realizada uma reflexão sobre as distâncias entre a Zona Sul e Região da Baixada, mas principalmente reflexões sobre a nossa territorialidade e pertencimento. No documentário, aparecem alguns pesquisadores falando sobre o território da Baixada Fluminense, mas o que mais chama a atenção é quando saem as ruas e perguntam onde fica a Baixada. Parte das pessoas entrevistadas, que provavelmente são residentes da Zona Sul do Rio de Janeiro, não fazem ideia da localização geográfica da Baixada, já outros entrevistados perguntam inclusive se fica na Pavuna ou em outras regiões periféricas

da própria cidade do Rio de Janeiro. Uma fala que me chama bastante atenção que aparece no início do documentário é que o termo “Baixada Fluminense”, foi um termo imposto de fora ao morador da região, não é uma identificação que nasce a partir dos que vivem no espaço. Segundo o release do próprio documentário, a produção é uma forma inteligente e até bem humorada de levantar questões como estigmas impostos, pré-conceito, bairrismo, auto-proteção, sem a pretensão de responder ou esclarecer, apenas discutir a origem dos estigmas. Mas e qual é a visão de quem mora nesta região? Na fala recorrente dos meus alunos, eles descrevem a violência, a falta de oportunidades, as memórias da infância e da juventude do local. Elaboram em suas falas também os sonhos de melhorias e avanços para a região.

A região da Baixada sofre com o pequeno número de aparelhos culturais. Em Queimados, por exemplo há apenas um teatro, que foi construído nas dependências da escola Municipal Metodista. Por isso, não se pode cobrar o valor nos ingressos e as atividades ficam sobre a jurisdição da Secretária Municipal de Educação. Essa situação dificulta muito o trabalho dos grupos teatrais da região e o trabalho da formação de plateia. Levanto tal questão, também por ser moradora da Baixada, no município de Mesquita, e integrante do Grupo Cultural Cochicho na Coxia, que há vinte anos desenvolve o seu trabalho no município e na região.

Ensinar teatro a um grupo que tem pouco ou nenhum contato com a linguagem torna-se uma tarefa árdua. Como ensinar o gênero? Como levar os alunos a conhecerem autores? Como introduzi-los ao jogo teatral? Como levá-los a entender os signos teatrais ou mesmo as diversas funções em um espetáculo? Afinal, o que ensinar em Teatro? Qual o caminho o professor de teatro deve seguir? Analisando os planejamentos para este segmento, tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto em Queimados, não encontramos o ensino de melodrama. Esta linguagem sendo aplicada em sala de aula torna-se uma forte ferramenta, pois segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) “a unidade prevê a vivência de jogos, improvisações e encenações, que possibilitem a troca de experiências entre alunos e permitam aprimorar a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção”.

São muitos os questionamentos e reflexões que permeiam o meu trabalho, no entanto, procuro pautá-lo partindo da realidade e do que os alunos compreendem da linguagem. Por essa razão sempre foi preciso recorrer a telenovela, filmes e séries.

Segundo Flávio Silva (2005), existem inúmeras apropriações do gênero melodramático nos romances de folhetim, tais como enredo, personagens, linguagem, ambientação, a luta

constante entre o bem e o mal e a presença de três personagens básicos: o herói, a heroína e o vilão.

E é através do exemplo de filmes, telenovelas e séries, que consigo instigar nos alunos alguns elementos do teatro, como a dramaturgia, as intenções, figurino, a sonoplastia, cenário, entre outros.

A partir do contato com o gênero melodramático, nas experiências com meu grupo teatral e percebendo as dificuldades dos alunos, mas também a proximidade com o que hoje temos de transformação deste gênero, percebi o quão valiosa seria sua utilização no trabalho da Educação de Jovens e Adultos.

Com o projeto de pesquisa, desejo iniciar o ensino do gênero, valendo-me ainda mais da aproximação que causa nos alunos, o tornando ponto de partida para conhecer ou simplesmente redescobrir o teatro. Apesar dos esforços de grupos de teatro na região, alguns alunos nunca foram ao teatro. O único festival de teatro da cidade, em que boa parte de seu direcionamento de público era de alunos da rede pública, foi cancelado.

O ensino de teatro é recente também no município, o último concurso para professores foi em 2019, com baixa convocação para professores de teatro. Na rede de Queimados somos apenas cinco professores de artes cênicas, sendo uma readaptada e fora da sala de aula.

O melodrama cria uma conexão ímpar e permeia o imaginário de adolescentes e dos adultos. Através de seus tipos marcantes, procuro estimular os alunos ao jogo, à cena e também à ressignificação das personagens, pedindo licença ao gênero para transformá-lo e dar a seus personagens novas reviravoltas.

Sem esquecer a máxima freiriana que prioriza o aluno da EJA como agente de condução e transformação de sua própria história. Além de convidar o “Povo de Paris” queimadense, para experimentar a cena teatral.

Segundo Ivette Huppés (2000): “O gênero melodramático mobiliza elevada soma de recursos com o fito de produzir o envolvimento do espectador, situem-se tal elemento ao nível do arranjo cênico ou da linguagem da história”. A partir desta citação, é possível constatar como o gênero é extremamente envolvente e visual, com muitas demarcações, texto, música, figurino e interpretações. E esses elementos melodramáticos podem, de forma acentuada, ser utilizados para o ensino de teatro. O aluno da EJA, segundo Paulo Freire, é aquele que já está inserido no

mundo e já tem uma visualidade, por essa razão a alfabetização desse indivíduo parte de imagens do cotidiano para a geração de palavras.

Com o melodrama, principalmente dentro do que hoje permanece, a EJA será convidada a explorar toda a sua potência e teatralidade. Partindo de suas experiências e do seu contato cotidiano com a arte de interpretar.

Parte do segundo capítulo desta dissertação dedica-se a criar um fichário de jogos, que pode ser utilizado no contexto da sala de aula. Um guia para professores que contenha noções da história do melodrama, como jogos a serem realizados, tendo como base os jogos populares de tabuleiro. Uma espécie de caixa de jogos, no formato “5 por 1”, com diferentes jogos que trabalham o tema.

CAPÍTULO 1 – Experiências de atuação e dramaturgia no Grupo Cultural Cochicho na Coxia

1.1 Brincar de Faz de Conta

Toda boa história começa com “Era uma vez”, um cenário místico e um milagre ou resolução em formato de “fada madrinha”. Mas para começar a reflexão dos caminhos que me levaram ao teatro, vou começar com “*José, Filho de Davi*”, trecho bíblico.

O cenário: uma praça pública em frente a uma Igreja Católica, que por sinal estava debilitada. E uma peça importantíssima nesse enredo: Fabiane, que eu poderia dizer que foi quase a fada madrinha da minha história pessoal.

Eu tive pouco contato com o teatro na infância, o teatro-escola foi o mais perto que estive de uma apresentação teatral. Conheci um prédio de teatro depois de adulta e não me recordo de cursos, pelo menos nenhum de forma acessível. Lembro que assisti “*A Bruxinha que era Boa*” da Maria Clara Machado (1954), na escola, um pátio cinza, feito de cimento. Para chamar a atenção das crianças, o grupo de teatro ofereceu um prêmio para o melhor desenho feito da bruxinha, um estratégia certa de marketing que fez o pátio da escola ficar lotado de crianças. Um cenário todo colorido, imitando uma floresta, um enorme caldeirão e a bruxinha *Boa* toda vestida de Rosa. Mas destas memórias lembro-me da bruxa *Fredegunda* que, toda atrapalhada, era quem fazia as graças ao longo da história. E lembro também de me imaginar naquele lugar, fazendo tudo o que me era apresentado.

Ao chegar em casa, contava com detalhes para minha mãe a história, nem de longe meu desenho foi o mais bonito, e isso não importava, somente a alegria que o teatro despertou em mim. No entanto, com o passar dos anos me tornei uma adolescente tímida e me escondia dentro da bolha de uma mãe extremamente rígida. Apesar disto, o teatro, com sua insistência, me alcançou e me transformou na mulher que sou, na mãe lutadora que preciso ser e me convidou a ser a artista-docente que a comunidade que nasci e cresci precisava.

No ensino médio apresentei um trabalho de filosofia, que me rendeu um convite para um grupo em Nova Iguaçu. De início não acreditei, achei que o professor estava brincando comigo. O teatro já havia me escolhido e mal sabia eu que existia gente fazendo teatro profissional na Baixada Fluminense. Ainda não podia imaginar que era possível fazer do ofício uma profissão, para além da televisão e das figuras das celebridades que assistia nos programas televisivos e nas novelas.

O teatro e a dança, fazia na Igreja, de forma extremamente amadora, organizávamos os papéis, os figurinos e aquele momento era um momento gostoso entre adolescentes e jovens. Mas nossa única noção de interpretação ou de linguagem vinham também das telas da televisão e do cinema; ainda assim, as histórias eram contadas com muita vontade. Aliás, numa região tão carente de espaços culturais, as igrejas e templos diversos, acabam suprimindo de alguma forma esse lugar, um lugar seguro onde as pessoas se reúnem e compartilham um pouco de suas vivências fora dos templos. Quem toca um instrumento ensina a outra pessoa a tocar, ou a cantar; quem faz algum tipo de dança, cria uma coreografia. Desse modo, existem trocas de ensinamento e aprendizado sendo realizadas.

E é aí que voltamos à frase bíblica citada na praça: “*José, Filho de Davi*”. Vestida de anjo, estava fazendo uma apresentação, e a Fabiane, que era minha amiga e também participava daquela mesma comunidade, havia chamado seus professores de teatro. E foi nesse momento que mais um convite veio, desta vez foi aceito.

Aos quase 20 anos de idade, pois o completaria no dia seguinte, em 2 de maio de 2006, estava indo pela primeira vez conhecer a Companhia Teatral Cochicho na Coxia, que logo em seguida recebe o nome de Grupo Cultural Cochicho na Coxia, pela sua versatilidade de propostas.

O local era a Biblioteca Comunitária Oscar Romero, espaço este que eu já conhecia, pois já havia frequentado quando criança. Desde 2004 este espaço havia se tornado sede do Cochicho na Coxia, mas apesar de algum contato com sua sede, eu ainda não conhecia o grupo. Eles estavam reunidos com alguns poucos alunos do curso infantil de 2004, em uma montagem – que não era exatamente uma montagem de curso, mas uma espécie de continuidade de trabalho. Fui convidada, a princípio, para participar como atriz substituta do elenco de um espetáculo infantil “*O Mistério de Feiurinha*”, de Pedro Bandeira, com estreia no ano de 2006.

Olhando para aquele dia e para o fato de serem um elenco tão infantil, parece surreal o motivo de ter me mantido naquele espaço. Estava na faculdade e queria diminuir a timidez, e depois de tantos flertes com o teatro, decidi encarar o convite. A Fabiane era uma das mais velhas e temos uma diferença de 4 anos, que na época nos apontava para perspectivas já um pouco diferentes. Do elenco do espetáculo infantil, ela era a única que trabalhava de forma profissional com o Cochicho, realizando espetáculos com temas sobre saúde, em projetos que o grupo já realizava nas prefeituras. Daquele elenco, ela foi a única atriz que integrou, por exemplo, o projeto “*Mesquita Conta Andersen*” (2005), que levava contos de Andersen em

diversos formatos para a rede pública de Mesquita. Havia mais atores no projeto, mas esses só participaram do projeto em questão, enquanto Fabiane ainda permanece no grupo.

O elenco era basicamente infantil, Fabiane era a mais velha do grupo, na época tinha apenas 17 anos e nos aproximávamos em idade. E a aproximação com os dois diretores ocorreu de forma rápida e um dos fatores, acredito, foi a proximidade de idade. O que me impressionava nas duas figuras era a maturidade e a sensação de que já sabiam exatamente o que estavam fazendo. Ambos tinham apenas 23 anos, éramos todos muito jovens, e hoje, quando escrevo essas linhas, me vejo diante de todos os processos de amadurecimento pelos quais todos nós tivemos que passar. Quando entrevisto Renato Penco e Thaissa Vasconcellos, me deparo no discurso dos dois com a palavra “necessidade”, latente em suas falas. Precisaram amadurecer pela necessidade, a ponto de alguns momentos parecerem até mais velhos do que de fato eram, pois estavam na luta pra se manterem, manterem uma casa, uma empresa e seus sonhos.

Thaissa Azevedo Saraiva Vasconcellos, moradora da região de Magalhães Bastos, estudou toda sua vida em escola pública. O seu pai trabalhava vendendo lanches em um espaço perto de casa. Por sua vez, Renato Penco Ferreira é o mais novo de uma casa com quatro irmãos. E apesar de ter uma etapa de sua vida em uma escola particular, nunca teve uma vida muito luxuosa, sempre marcada pelo trabalho e sempre na região de Mesquita. Quanto a mim, filha do meio de um casal de mineiros, que veio para o Rio de Janeiro. Pude estudar em boas escolas, mas ao custo de ver meu pai, funcionário da área da saúde se virar em três empregos. Temos em comum, entre tantas outras semelhanças, a imagem do trabalhador, de que para se conquistar algo, é preciso muito trabalho, é preciso evoluir buscando os estudos: o pobre que evolui através do trabalho árduo e das oportunidades de estudo. Inclusive, em muitos momentos até sem descanso. E por muito tempo nossa rotina dentro do grupo foi assim, buscar ideias, clientes, formas para trabalhar para sustentar, um enredo que no meu caso já dura 18 longos anos. Um encontro que rendeu inúmeros trabalhos, um teatro de bolso, inúmeros projetos, diversas divergências de ponto de vista, atividades em LIBRAS, projetos empresa, escola, faculdade na área. Inclusive a alegoria do trabalhador que busca o aprimoramento no estudo, que nos motivou a buscar uma faculdade diretamente na área.

Sempre foi claro, que a Thaissa sempre esteve ligada à produção, mas, tanto eu como Renato, apesar de realizarmos tarefas ligadas a figura do produtor, sempre fomos do palco e da parte artística. Em 2008, eu finalizava a faculdade de Letras (língua portuguesa e literatura); Renato, já havia finalizado sua faculdade de designer gráfico e Thaissa ainda cursava produção Cultural no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), em Nilópolis, e também havia

realizado uma faculdade de Marketing. E nesta época era realizado no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) uma mostra de teatro estudantil com as escolas de teatro do Rio de Janeiro. E neste evento ficou muito claro o que deveríamos, Renato e eu, buscar um embasamento acadêmico.

Essa vontade já havia nascido no coração do próprio Renato há tempos atrás, no final do ensino médio, pois ele já havia prestado concurso para Escola Técnica Estadual Martins Pena, e apesar de selecionado, não conseguiu concluir, devido as demandas de trabalho. Era cansativo e distante manter uma rotina de estudos e trabalho.

Então, decidimos no segundo semestre daquele mesmo ano de 2008, entrar para a faculdade de licenciatura em Teatro. A escolha pela licenciatura foi proposital já que seria mais um opção de trabalho. A UNIRIO nos pareceu uma ideia distante e optamos pela Estácio de Sá, já que, ao contrario da faculdade pública, poderíamos estudar à noite e continuar com a rotina de trabalho durante o dia.

Foi uma experiência bem complicada, nossa turma na faculdade era bem imatura e não tínhamos muitas trocas. Além de ser bem cansativo trabalhar o dia inteiro e enfrentar duas conduções até a Barra da Tijuca. Foi um período bem difícil e o curso desanimador, a realidade dos colegas da turma nos influenciava de maneira negativa. Então, no terceiro período da faculdade, a professora Rosyane Trotta nos dava aula de interpretação, e em uma conversa, nos falou da possibilidade de uma transferência externa para UNIRIO.

A faculdade pública nos parecia, não só fisicamente distante, mas também inacessível a nossa realidade. O próprio vestibular seria penoso em uma realidade tão desgastante, mas, naquele momento, foi uma opção. Conversamos com a professora Elza de Andrade, que na época era nossa coordenadora na Estácio, e ela nos orientou sobre o processo. Foi então que realizamos a prova de transferência externa e começamos nossa rotina na UNIRIO.

De fato, a relação do tempo entre as duas faculdades era bem diferente – aqui me refiro ao tempo de aprofundamento dos temas. Na UNIRIO, tive acesso a muitos e diversos autores e pesquisadores que não constavam nas ementas das disciplinas da Estácio. Ali permaneci por um ano e meio. Um período bem puxado, já que íamos para a produtora trabalhar pela manhã, saíamos para aula, e, quando voltávamos mais cedo, voltávamos para trabalhar. Foi um período desgastante que me gerou muitas dúvidas em relação a própria profissão.

Em 2010 prestei um concurso para prefeitura do Rio de Janeiro, para a vaga de professor de Artes Cênicas e cerca de quase dois anos depois, fui chamada. No entanto, ainda

não estava formada. Eu estava tão desgastada que me perguntava se todo aquele trabalho com o Grupo Cochicho valeria a pena. Sem estabilidade financeira, sem horários definidos e o valor recebido não compensava as horas trabalhadas.

E diante deste cenário, resolvi retornar a faculdade particular para concluir e solicitei o recurso de “fim de fila” no concurso. Precisava concluir apenas um período, enquanto na UNIRIO ainda faltariam muitos créditos. Assim, o meu retorno para a faculdade particular foi em um momento mais tranquilo. Ao retornar, me deparei com uma turma com perfil mais parecido com o meu e obtive muitas trocas interessantes, além de ter conseguido um alívio na sobrecarga dos horários bagunçados. A prefeitura do Rio lançou o primeiro edital para o cargo de 40h semanais e Queimados também lançou seu edital, após muitos anos sem concurso.

Optei por me inscrever nos concursos e neste meio tempo perdi o recurso de fim de fila. Mas, concluí a faculdade, realizei as provas e passei para os dois concursos – todo esse processo ocorrendo no final de 2012. Em 2013, assumi o cargo na prefeitura de Queimados, em março, e na prefeitura do Rio de Janeiro, em Agosto.

Com o Renato o processo ocorreu de forma precipada. Ele permaneceu um pouco mais de tempo na Unirio, mas, foi convocado para prefeitura de Queimados, e logo após, também assumiu o estado.

Durante um período fiquei um pouco mais distante do cotidiano do grupo, realizei somente alguns trabalhos aos fim de semana e participei do processo de um espetáculo infantil, “A Festa no Céu.”, em 2014. O início do trabalho nas redes também foi um processo de adaptação delicado e demandou muito do meu tempo, passei um período que pouco frequentava o espaço, e a rotina de apresentações haviam diminuído muito no início da minha carreira no magistério.

A personagem Mãezinha, da peça “*Vem Buscar-me que ainda sou teu*” (1979), de Carlos Alberto Sofredinni, diz assim:

“Então. Lá o pessoal tem um ditado que diz que gente de circo tem serragem nas veias. E é mesmo. Teatro é uma coisa viu? Conheço muita gente que se mandou. Foram tentar a outra coisa, né? Uma coisa mais garantida e tal... Pois olha: quase todos acabaram voltando. É a serragem. Vai te dando uma tristeza... Você passa o dia todo esperando. Mas esperando o quê? Você sabe muito bem que pra você não vai ter nenhum espetáculo de noite, né? Mas assim mesmo você passa o dia todo esperando. E de noite... Ah, de noite é que é duro. De noite fica de noite mesmo, né? tudo escuro, quieto... As luzes não acendem, não tem a cara do público, não tem as risadas... Não tem a festa! Você já foi em alguma festa que chegou lá não teve? Pois é igual. Daí

é batata: você não aguenta, na primeira oportunidade, bumba, lá tá você com a cara pintada de novo.”

O sentimento descrito pela personagem acima, todo artista em algum momento já experimentou. O difícil caminho entre viver de arte e a estabilidade. Foi nessa encruzilhada que percebi o meu trabalho. E nessa encruzilhada tentei separar a artista da docente.

A artista encontrava-se desanimada, pois parecia que não tínhamos feito nada que fosse relevante artisticamente. Parecia que nosso trabalho girava em torno da produção, da função do produtor, de quem organiza, escreve projetos, pouco cria e experimenta no palco.

Em 20 anos de Grupo, o Cochicho na Coxia fez diversas apresentações. Foram inúmeros projetos-escola, apresentações em shoppings, teatro-empresa, entre tantas outras atividades. Não é à toa que inicio a narrativa deste capítulo citando uma frase e alegorias pertencentes ao universo das infâncias. Afinal, nestes 20 anos a maior parte do nosso trabalho está voltada para as infâncias. A pergunta que permeia toda essa história é: Como viver de arte? Ou posso ser direta e perguntar: como sobreviver de arte, pagar as contas e não desistir de estar em cena? Quem é o público para o qual direcionamos nosso trabalho?

O Grupo Cochicho viveu durante muito tempo de um teatro comercial, algumas poucas experiências no campo da pesquisa de uma linguagem. Temos poucos espetáculos em que nos debruçamos em processos de pesquisa, sendo a maioria dos espetáculos escritos e produzidos para atender a demandas urgentes de clientes. E por fim, mais uma pergunta, onde está nosso limite entre o comercial e o artístico? Começemos contextualizando o cenário.

Mesquita, cidade da Baixada Fluminense, com cerca 176.569 habitantes, era uma região pertencente a Nova Iguaçu, e foi o último município da Baixada a se emancipar, em 1999. Das memórias de infância, somadas às falas da minha mãe, que participava de inúmeras reuniões políticas que falavam do processo de emancipação, o desejo neste processo era ter possibilidade de melhorias naquela região. Dentre essas falas, lembro-me que a coleta de lixo era um grande problema.

Entre algumas figuras políticas da cidade, Cássia Valéria Marques Furtado, assistente social, foi uma figura que lutou por essa emancipação, e também foi uma figura importante no desenvolvimento cultural e educacional dentro do município. A jovem Cássia fazia parte de um grupo jovem na Paroquia São José Operário, e ela torna-se a responsável por fundar, com ajuda de outros jovens, a Biblioteca Comunitária Oscar Romero, nas dependências da

Paróquia. Após recursos doados, fazem a compra da casa onde a biblioteca funciona atualmente.

Neste espaço acontecem diversas atividades, oficinas, contações de histórias, almoços comunitários, empréstimos de livros e diversas atividades culturais, tais como eventos como o “Artistão”, que reunia artistas locais de música e de poesia.

A memória que tenho do local são dos gibis, que, como sócia leitora do espaço peguei emprestado inúmeras vezes, de eventos em que participei e de, anos mais tarde, da figura da minha mãe dando aula no projeto MOVA – Brasil, projeto do Instituto Paulo Freire de alfabetização de jovens e adultos, onde classes de alfabetização aconteciam em espaços comunitários (não necessariamente em escolas), com validação de diploma pelo MEC.

Neste mesmo período em que acontece o projeto de alfabetização, o Grupo Cochicho na Coxia realiza seu primeiro curso de teatro infantil naquele espaço. Cássia abraça o grupo e acolhe Thaissa e Renato para estabelecerem o espaço como sede para o grupo, que permanece até hoje.

O Grupo Cultural Cochicho na Coxia foi fundado em 2002 pelos atores Thaissa Vasconcellos e Renato Penco – grupo e vida se confundem a todo momento. Os dois se conheceram no Ensino Médio, cursando Eventos na Escola Técnica Adolfo Bloch, e dessa amizade e parceria, começaram a trabalhar em outro grupo de teatro. Conforme dito por ambos em entrevista, precisaram, por necessidade, criar um grupo próprio para trabalhar. Então, no dia 5 de novembro de 2002, conhecido também como o dia da cultura, eles decidem na sala de uma escola, em meio a uma apresentação do Projeto Escola, a criar o Grupo Cochicho na Coxia.

Em 2004 realizam seu primeiro curso de teatro infantil, tornando a Biblioteca Comunitária Oscar Romero, sede da cia. O espetáculo escolhido para a montagem infantil foi “*As Viagens do Pequeno Príncipe*”. Daquele elenco infantil, saíram também atores que muito colaboraram com o grupo e alguns permanecem até o presente momento no elenco.

Renato era morador da Rua Elpidio, em frente ao espaço. A relação dele de proximidade com o local era muito grande e ele era frequentador assíduo das atividades ali propostas. Para os dois jovens, praticamente recém saídos do ensino médio, era um local acolhedor para o início desta jornada.

Naquele espaço ocorreram os ensaios, os primeiros projetos, os grupos de estudo como o Grupo de Estudos Teatrais (GET), onde eram trocadas basicamente informações que eram aprendidas ao longo da vida profissional e acadêmica. Dentro deste panorama, podemos enxergar com clareza para quem o trabalho começa a ser direcionado. O principal público alvo é o público infantil, sobretudo um público que está nas escolas; pois ali haveria um retorno financeiro do trabalho. Os dois já vinham trabalhando para outro grupo com Projeto Escola, e neste formato viram a oportunidade de empreender o seu próprio negócio.

Com o acolhimento cada vez maior do espaço, o amadurecimento de ambos e a chegada de novos membros passam a agregar positivamente ao trabalho, desse modo, o grupo Cochicho na Coxia expande seu trabalho e potencializa sua existência dentro do próprio Município onde está inserido. Assim nasce, por exemplo, o *Formação de Plateia*, projeto que até hoje é tocado pelo grupo como forma de carinho e respeito ao espaço que tanto proporcionou acolhimento.

Este projeto teve início em 2008, no terraço dos fundos da biblioteca, com cadeiras escolares, uma lona preta no chão (para que as crianças pudessem se sentar) e com o espetáculo “*Revolta dos Brinquedos*”, um texto de Pedro Veiga e Pernambuco de Oliveira. No elenco: Cris Cota, Fabiane Dias, Isau Junior, Flávio Henrique e Valéria Portugal. Este foi o primeiro texto de Projeto Escola que encenei e por onde comecei a trabalhar nas escolas.

Desta iniciativa montamos o primeiro teatro de Bolso do Município de Mesquita, que hoje conta com um palco e aparelhagem técnica de som e iluminação. O espaço recebe também outros grupos para realização de seus ensaios, dentre diversas apresentações e projetos. O terraço da frente da casa foi fechado e organizado, e recebe cada vez mais melhorias à medida em que o tempo passa. Em forma de homenagem e agradecimento, o teatro recebeu o nome de Cássia Valéria, que infelizmente falece em 2010, antes da inauguração do espaço, em intercorrência de um câncer.

A Biblioteca Oscar Romero que é administrada pela Organização não governamental Associação dos Amigos da Biblioteca Comunitária Oscar Romero, passa a ter sua presidência gerida por Renato. Em 2009, um ano antes da inauguração do teatro de bolso, passamos a ser Ponto de Cultura Leitura Viva, em um edital promovido pelo Ministério da Cultura, no primeiro mandato do atual presidente, Luiz Inacio Lula da Silva. A partir disso, a biblioteca estava repleta de oficinas e atividades, que possibilitava maior vazão a um trabalho de reestruturação do espaço e revitalização daquele importante aparelho cultural, que já havia sido

apontado como a primeira biblioteca comunitária de Nova Iguaçu. E que foi transformando efetivamente o espaço de Biblioteca Comunitária Oscar Romero para Centro Cultural Oscar Romero.

A realização em 2004 do curso de teatro infantil naquele espaço, a abertura da Oscar Romero, carinhosamente chamada pelos integrantes de “Biblioteca”, foi uma tentativa da Cássia, também de manter aquele espaço vivo e pulsante.



Figura 01 – Elenco de “O Mistério de Feiurinha” (2006) primeiro espetáculo que participei com o grupo – Arquivo pessoal



Figura 02- Pré estreia do espetáculo, no Centro Cultural Oscar Romero, A Revolta dos Brinquedos (2006), início do projeto escola - Retomada do projeto escola com outros atores após um período de trabalho em dupla de Renato Penco e Thaissa Vasconcellos-A formação deste espetáculo é com Cris Cota, Fabiane Dias, Renato Penco e a produção da Thaissa Vasconcellos- Arquivo do Grupo.

Desta parceria com o espaço surgiram projetos como o *“Inclusão pela LIBRAS I e II”*, o *“Bom de Ver”*, um curso de teatro para Surdos e apresentações de teatro com tradução em LIBRAS. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi a inspiração para estes projetos; lembro-me que na época a Thaissa havia visto uma reportagem falando sobre a comunidade surda, e a partir deste estímulo, estes projetos foram escritos. O Inclusão pela LIBRAS, tratava-se de cursos de LIBRAS que eram fornecidos no espaço da Oscar Romero, além de espetáculos com a presença de intérpretes – espetáculos do Grupo Cochicho e de outros grupos da região. Com a conquista de novos editais, o projeto ampliou-se para produtos tais como um curso de teatro para Surdos e uma série de filmes intitulada *“Bom de Ver”*, onde foi tudo filmado em LIBRAS. Esses projetos foram possíveis através do patrocínio da Casa da Moeda e da ONG Brasil Foundation. Em paralelo a tantos projetos com a biblioteca, o grupo seguiu realizando os Projetos Escola e começou a expandir seus negócios aos *Shopping Centers*. Realizando espetáculos e eventos, e as atividades não ficaram resumidas a espetáculos teatrais, mas passaram a incluir as mais variadas atividades, como oficinas e personagens vivos. Realizamos atividades com clientes importantes como a Petrobras – com

espetáculos didáticos para suas semanas de prevenção a acidente do trabalho, entre outras atividades –, o SESC com suas diversificadas frentes de trabalho, e diversas ONGs e empresas. Ao desenvolvermos textos e espetáculos que falassem diretamente da necessidade do cliente e para o público a ser trabalhado, nos desenvolvemos no exercício de criação de nossas próprias dramaturgias. Também por questões de direitos autorais, nós mesmos fomos aprendendo a adaptar e a desenvolver estes textos, para que pudéssemos manter vivo o Teatro Escola e também o Teatro Empresa. Hoje, 90% da dramaturgia do grupo é completamente “própria”, pois as autoras somos Thaissa e eu. Alguns textos, inclusive, foram escritos em parceria, começados por uma e terminados por outra, e a autoria até se perde.

Mas, ao longo de tantos trabalhos, também chegam as dúvidas, o cansaço e os problemas. Passamos inúmeras dificuldades e cada vez mais o grupo é a soma de todos os seus afetos. No dicionário, afeto está escrito, como carinho por alguém ou algo; na filosofia de Spinoza, está descrito como aquilo que atinge o corpo e depois a mente, sendo de forma ativa ou passiva, sendo os afetos ativos as ações e os afetos passivos as paixões.

Entre tantos afetos, a minha memória resgata momentos diversos, como o dia em que, às pressas, precisávamos registrar o nome do grupo, já que descobrimos que outro grupo o estava utilizando, com uma grafia diferente; ou momentos divertidos que vivemos em ensaios e reuniões e festas; a vibração a cada momento com um novo trabalho conquistado e a busca por uma linguagem para pesquisarmos.

Inclusive, buscamos algumas linguagens e textos na tentativa de nos debruçarmos em uma pesquisa, e nada se encaixava com os nossos desejos ou com a rotina do grupo. Pesquisamos por um tempo as máscaras teatrais para utilizarmos no espetáculo “A Festa no Céu”, um infantil, só que não tínhamos nenhuma orientação de quem tinha uma pesquisa, ou um trabalho profundo no assunto.

Nosso espetáculo foi intuitivo, não menos interessante e encantador, mas precisava de mais estofamento. Mesmo assim, percorremos alguns festivais, ao contrario de muitos grupos da região; festivais de teatro não são nosso maior ponto forte, apesar de ser um desejo dos atores por mais experiências como estas.

Apesar desta experiência ser rara ao longo dos anos, vivemos uma relação muito forte com nosso público, uma relação de troca, uma troca perto de nós, sem separação de palco ou plateia. Exemplo de um momento deste, foi quando dirigimos nosso trabalho para o Centro

de Acolhimento a pessoa com deficiência Rego Barros (CICAPD), em Conceição de Macabu, no Rio de Janeiro.

O local é uma casa de atendimento para pessoas do sexo masculino, com algum transtorno neurodiverso. Há internos que estão lá desde o 13 anos de idade e permanecem há 40 anos. Levamos a “*Rádio Cochicho*”, em formato mais musical e com show de variedades. Fomos contratados pelo SESC Saúde². Foi tão emocionante, que não sei se consigo descrever a experiência de forma plena. Eles cantaram conosco, se emocionaram, nos pediam a todo momento abraços e faziam questão de nos mostrar seus talentos e histórias. Apresentamos os nomes das personagens e eles faziam questão de nos falar seus nomes completos. O nome tinha um significado muito importante na vida deles, muitos foram para o espaço sem identidade alguma e lá receberam um nome e sobrenome.

Chegamos na cidade de Macabu ainda de madrugada, era nítido que estávamos receosos, com a recepção dos residentes, repassamos varias vezes o roteiro, com atenção de detalhes como a cor dos figurinos, e propostas diferentes como um possível plano B. Mas a medida que o cenário era montado, eles iam se aproximando mais, e já não havia uma divisão definida de palco plateia, eles tinham a necessidade de serem ouvidos. E assim o fizemos, apesar de um roteiro, íamos contruindo aquela narrativa, a partir da escuta do que eles nos demonstravam, com palavras, ou com o próprio corpo.

Uma situação memorável e muito divertida que me recordo, foi quando realizamos um momento de “show talentos”. E os próprios internos tocaram gaita, dançaram ao som de Michel Jacskon, ou simplesmente tornaram possível o sonho de ser a própria Xuxa. O palco era todo deles, com uma história de tanta exclusão, nesse momento se tornaram os grandes protagonistas.

O local era uma antiga fazenda que a principio recebia menores infratores, e junto crianças, meninos com questões neurodiversas, com o fim do reformatórios, apenas os meninos com algum tipo de deficiência permaneceram no local. Muitos, completamente abandonados pelas suas próprias famílias e com ao reforma do estado sobre as casas de internação permitindo somente as chamadas casas de acolhimento e passagem, o espaço já está fadado ao fechamento. Todos estávamos com os olhos marejados, tínhamos sido profundamente tocados, ali, era como criar um enorme agasalho de crochê, costurado com

² Sesc Saúde é um projeto dentro da rede Sesc que viabiliza ações de cuidado em diversos ambientes, como escolas, associações de moradores e dentro do próprio Sesc. O grupo presta serviço para alguns analistas em Saúde, que aliam arte como ferramenta pedagógica na promoção em saúde.

paciência, em que precisamos ir construindo ponto a ponto a peça, e ao final, sentimos o coração quentinho, a certeza que nosso trabalho também salva da solidão e do abandono.



Figura 03- QR CODE contendo vídeo de trecho da apresentação no CICAPD (2023)-Elenco Cris Cota, Diego Lessa,Lorrayne Azeredo e músicos Ivan Machado e Jessica Volpi



Figura 04- QR CODE contendo vídeo de trecho da apresentação no CICAPD (2023)-Elenco Cris Cota, Diego Lessa,Lorrayne Azeredo e músicos Ivan Machado e Jessica Volpi.

1.2 Afinal, quem são os cochicheiros?

Cochicheiro: Todo aquele que com dedicação abraça o Grupo Cultural Cochicho na Coxia, seja ator, atriz, produtor, músico aluno ou ex-aluno. (Renato Penco)

Mas afinal, quais caminhos estamos percorrendo entre o comercial e o dito artístico? Será possível ser e fazer um teatro comercial cheio de qualidade e afetos? Quem somos nós que percorremos este caminho?

“No meio do caminho tinha uma Paloma,
Tinha uma Paloma no meio do caminho
Nunca me esquecerei desses acontecimentos
Naquela praça de Mesquita sobre o céu da tarde
Tinha Uma Paloma no meio do caminho”

Palloma Sobreira tem 23 anos, é integrante do grupo hoje. Quando tinha apenas 13 anos me parou na praça João Luis do Nascimento (localizada próxima a biblioteca), para dizer que queria muito fazer teatro. Eu estava indo resolver documentações do Centro Cultural Oscar Romero, cansada e vivendo todo o turbilhão de mais um período da faculdade. Eu a orientei que fosse à biblioteca nos procurar. Passados anos deste episódio, tornou-se minha colega de trabalho, mas ainda reconheço nela a menina de 6 anos que um dia fui. Destaco-a no início deste capítulo, que, ao ver o Teatro Escola, sentiu-se apaixonada.

Minha história com o teatro e com o grupo esta ligada à escola, ao Teatro Escola, que para mim é uma grande sala de aula para os atores iniciantes, onde se aprende jogo de cintura, respeito ao material, senso de coletividade. Inclusive, percebo muita diferença entre os atores que passam ou passaram por essa experiência, daqueles que nunca a viveram. Ali no chão da escola, fazemos um acordo com a fantasia, e não importa se a escola é na Zona Sul, pública ou particular, tornamos acessível o teatro naquele lugar.

A menina Palloma me relatou naquela tarde ensolarada, que muitas vezes nos assistiu em sua escola; e como o de Palloma, outros foram os relatos sobre como já impactamos a vida de outras crianças na região e que hoje já entraram na vida adulta.

Palloma continua conosco até hoje e foi citada por Thaissa como uma das integrantes que desenvolve de forma direta uma continuidade de pesquisa no grupo. Ela integra o elenco de *Folhetim* e continua a manter vivo o projeto de formação de plateia. No entanto, a Palloma não vive unicamente de teatro. Para manter suas contas em dia, precisou abrir mão de estar integralmente nos palcos, hoje a atriz trabalha no comércio, como gerente, responsável, inteligente e muito organizada, qualidades tão necessárias no fazer teatral, mas que não conseguem manter Palloma inteiramente no teatro.

Assim como Palloma, que destaquei por essa memória, eu posso citar Diego Lessa, Jéssica Alves, Lorryne Azeredo e Jaqueline Paiva, e me debruçar também na história da própria Fabiane, a fada madrinha do início do capítulo e tantos nomes do grupo, que atualmente dividem os trabalhos ou que já passaram por mim ao longo destes anos. Alguns começaram sua jornada através do curso de teatro infantil do grupo, outros chegaram por meio de testes para integrar o elenco e outros por indicação para trabalhos.

Fabiane, por exemplo, começou no teatro infantil, tentou realizar algumas faculdades, no entanto, por ter que trabalhar e estudar não conseguia conciliar, nem concluir. Atualmente estuda para educadora social e está trabalhando com o público da APPAE. Mãe de dois filhos e precisa do trabalho estável para pagar suas contas. Além de tudo isso, a atriz é humorista e divide seu tempo entre o Cochicho, os *stand-ups* e suas criações.

Jéssica Alves fez um curso de teatro infantil no espaço e começou a realizar alguns trabalhos conosco. Aos 18 anos, por questões pessoais, ela sai de casa e vai morar sozinha. Vivendo integralmente dos trabalhos com teatro, eventos e figuração. Tentou a UNIRIO por duas vezes, chegando a ser aprovada no THE, mas, não conseguindo seguir adiante realizando o ENEM, por falta de tempo, sem conseguir conciliar trabalho e estudo.

Lorryne Azeredo fez o curso infantil de 2004, aos 8 anos, muito jovem. Alguns anos depois engata com os trabalhos do grupo. Trabalhou durante muito tempo de carteira assinada e hoje vive integralmente da renda do teatro.

Diego Lessa vive integralmente da renda do grupo. Além do Cochicho também presta serviço para outros grupos e faz parte do grupo UZ Outros, de Nova Iguaçu. No grupo os Uz Outros, dedica-se mais a pesquisa. Estreou em 2023 o espetáculo *Pedro III* e dedicou-se aos ensaios durante dois meses, o que acarretou para o Diego um grande transtorno financeiro, pois precisou abdicar da renda dos trabalhos com o Cochicho. O espetáculo tinha renda de um edital, mas pagou apenas as apresentações aos atores. Diego é um ator chave no grupo e

está em muitos trabalhos. Está sempre presente nas atividades, sendo estas remuneradas ou não, disposto a se doar para a manutenção do grupo. É atencioso até mesmo com os atores mais jovens, sempre disposto a ajudá-los.

Jaqueline Paiva conheceu o teatro na escola, seu professor de português que a fez se apaixonar pelo teatro. O teatro em sala de aula foi tão potente, que além de Jaqueline, Adriano Canindé (Cia Faces de Paracambi) e Thiago Zandonai (Cia de Segunda de Nova Iguaçu) tornaram-se atores graças aos mesmo professor de português: Zé Roberto. Importante ressaltar que naquela época era comum o professor de Língua Portuguesa utilizar o teatro como instrumento de seu trabalho. Contudo, com a figura do professor de Teatro cada vez mais presente, visto o crescimento das escolas de formação, acredito que esta seja uma tarefa que deve ser valorizada e realizada pelo profissional formado na área. Mas é claro que isto não é impedimento, nem tira a beleza do trabalho realizado por muitos “Zé Roberto”, que aliam a sua disciplina à arte.

Hoje, Jaqueline divide sua vida profissional entre os palcos e um consultório de psicologia, o que a fez discorrer em seu TCC da faculdade, sobre a psicanálise e o teatro.

São muitos os nomes e histórias que eu poderia citar, amigos que já nem estão no dia-a-dia do grupo, uns seguiram carreira e fazem do humor e da internet seu palco, já outros, mudaram completamente de profissão.

Nós, atrizes e atores que estamos no dia-a-dia, não apenas em trabalhos pontuais, não estamos somente nos palcos, sob a luz de holofotes. Criamos em cima das demandas, fazemos o som, passamos o café, dirigimos, escrevemos, separamos material de cena, fazemos mutirão para organizar o acervo de materiais e figurinos; arrumamos as cadeiras do teatro, brigamos, sorrimos, fazemos piada e fazemos o Grupo Cultural Cochicho ser um grupo, somos a parcela que não torna o Cochicho uma empresa de eventos, apenas.

Destaco que não é um problema sermos uma empresa comercial, já que desenvolvemos propostas para eventos diversos, mas, neste momento, ressalto que são os nossos afetos pelo grupo que o mantém como um grupo de teatro e não apenas uma empresa de eventos.

A grande maioria de nós não vive integralmente do grupo e temos formações diversas fora da área teatral. E para manter as contas, alguns jovens talentos precisaram abandonar o teatro em busca da CLT, para honrar seus compromissos e buscando trabalhos apenas finais de semana ou nas suas folgas. Psicólogos, professores, comerciantes ou indivíduos sem

formação, apenas com ensino médio completo, buscando cursos livres e uma formação fora da universidade. Ressalto que todas as áreas de conhecimento são valorizadas dentro das produções do grupo, afinal, atendemos a clientes diversos e precisamos de um vasto repertório de conhecimento para atendermos as demandas. O que não desmerece o profissionalismo, a entrega e o talento destes jovens atores e atrizes. Esta colocação surge, porque, ao longo da nossa jornada, e apesar de 20 anos de caminhadas muitas vezes ouvimos de outros profissionais referindo-se ao grupo como um grupo amador.

Afinal, o que define um grupo de teatro profissional? O que o difere de um grupo amador de teatro? Seria o estudo dedicado a área? Será que o conceito de “amador” ainda se sustenta nos dias de hoje? Não seria um grupo com tantos parceiros e patrocinadores, profissional?

Estas perguntas me fazem levantar outra reflexão: por que os centros de formação são tão distantes da Baixada? Em uma conversa informal com uma atriz do grupo, ela estava realizando um famoso curso de formação em teatro musical, que recentemente abriu uma turma na região, porém, decidiram por não continuar com o trabalho por aqui, já que não era rentável.

Somos muitos por aqui e poderia citar tantos outros que enfrentam assim, como eu e Renato enfrentamos, as longas distâncias em busca de conhecimento na área, o que também contribui para que escolham outras formações fora da área teatral ou desistam sem mesmo concluir o caminho



Figura 05- Cochicheiros reunidos para realização do Projeto Formação de Plateia (edição 2024). No espetáculo infantil a pequena Sereia. O formação de plateia realiza espetáculos infantis em nossa sede a preços populares.

No âmbito da graduação, por exemplo, só temos o IFRJ, localizado em Nilópolis, com o curso de produção cultural; mesmo nas licenciaturas, não temos cursos dentre as áreas artísticas sendo oferecidos por universidades públicas na região. Esse é um fator que reflete nas produções da Baixada, na visão do artista como um trabalhador que também precisa de formação.

Dentro da realidade do grupo este é um apontamento para uma reflexão. Cada vez mais a produção ganha um espaço maior dentro do grupo. Hoje temos uma equipe intulada “equipe da produtora”, um time muito competente e organizado, que busca clientes para os trabalhos. A equipe da produtora é constituída por alunas formadas, estagiárias, apenas duas integrantes não tem formação ou não teve contato acadêmico com o curso.

“Trabalho mesmo é carregar folha!” a frase é de um espetáculo infantil *A Cigarra e Formiga* adaptado por Thaissa Vasconcellos, para apresentação no Teatro Escola, baseado na clássica fábula de La Fontaine, de mesmo nome. A pobre Cigarra se vê convencida pela Formiga que não tem talento e que seu trabalho precisaria estar vinculado ao sucesso, e por isso, decide parar de cantar. Mas ao parar com seu canto, as pragas devastam todas as folhas

da floresta, visto que sua cantoria mantinha as folhas sempre preservadas das pragas e as formigas abastecidas.

Para o grupo hoje, após 20 anos de uma longa estrada, nos falta um respiro. Precisamos, de fato, de políticas públicas e patrocínios, que nos permitam respirar, mas também, de freios internos junto a um olhar atento, para que o excesso de trabalho não interfira em nossa qualidade; para que possamos criar fissuras que nos permitam buscar sempre aprimoramento, novos ânimos para a pesquisa e possibilidades de arranjos, que permitam a valorização de nosso trabalho criativo.

A diretora Thaissa, aponta na entrevista que ela enxerga o grupo daqui a um tempo com núcleos, mas ainda não aprofunda muito sua visão. Então, como funcionariam? Haveria núcleos voltados a uma pesquisa de linguagem e outros mais comerciais? Haveria troca nestes núcleos? Seria este um caminho a ser amadurecido para o grupo enquanto empresa? Seguimos com estes questionamentos, não como dúvidas que nos travam ideias, mas como novos apontamentos para caminhos a serem vividos pelo Grupo Cochicho na Coxia.

1.3 Depois das Beterrabas

“*Tudo Menos Beterra*” nasceu do desejo de comemorar os 15 anos do grupo e por em prática a vontade de desacelerarmos e produzirmos um espetáculo, com um processo em que pudéssemos pôr nossos desejos de estudo em prática, no entanto, foi um processo extremamente conturbado. Iniciamos o processo no final de 2014, com a escolha de quem comporia o projeto. Muitos nomes foram sugeridos, até que chegamos em uma primeira configuração de elenco, que ao final do processo estava modificada. A pergunta era: qual projeto seria interessante para comemorar 15 anos de uma história? Em reunião, Renato, revisitou uma apresentação da turma do professor Paulo Merisio nos jardins do Centro de Letras e Artes (CLA), da UNIRIO. Era um jogo teatral de improvisação, que foi apelidado de “*Jogo do GAULIER*”, esse nome é uma homenagem ao palhaço Philippe Gaulier, francês que coordena a escola de formação de atores, na qual Merisio frequentou o módulo melodrama. O jogo possui regras inspiradas em uma estrutura de exercício proposta pro Gaulier no curso e é mediado por uma figura intiluda “*Mousier, le professeur*”. Em uma espécie de “seu mestre mandou”, esta figura estabelece os comandos, como por exemplo, “*Gaulier mandou andar*” ou “*Gaulier mandou falar*”. Os participantes só podem fazer as ações caso Gaulier mande. Caso eles executem uma ação que não foi mandada por Gaulier, os demais jogadores podem acusá-lo. O jogador sob acusação

deve implorar de foma melodramática por perdão ou pedir por um beijo de redenção. Caso não consiga nenhum dos dois feitos sofrerá uma punição, com três tapinhas em suas costas. O jogo era divertidíssimo, os alunos estavam em volta todos assistindo. Os participantes muito sérios, mesmo diante de situações hilárias. (Cf. Merisio, 2017)

Tínhamos em mente algo que tivesse humor e que despertasse uma alegria e comemoração, mas que também despertasse em nós um estudo e um desafio, fora do que já estávamos habituados. E a memória daquela tarde nos jardins do CLA trouxe a sensação que era buscada para nosso espetáculo comemorativo. Então, chegamos a conclusão de que gostaríamos de experimentar o melodrama. Mas qual seria o texto? Um texto já existente nos faria esbarrar no direito autoral e como este espetáculo seria colaborativo, seria feito com uma espécie de caixinha para o pagamento dos custos.

Ao longo da minha caminhada dentro do Grupo, sempre adaptei e escrevi textos infantis, muitos textos de contação de histórias e textos mais comerciais; e minha escrita sempre esteve presente na escrita de projetos. E, apesar de uma intensa produção dramatúrgica para o grupo, em *“Tudo Menos Beterraba”* eu estava muito insegura de criar um texto. E como a própria Thaissa também não tinha muita firmeza para dividirmos uma autoria, já que esta também era uma prática comum nossa nos trabalhos, optamos por contratar um autor para tal. E assim, nosso primeiro espetáculo melodramático foi escrito por Cesário Candhi, também ator da Cia de Arte Popular, de Duque de Caxias.

Importante ressaltar que eu ainda não tinha intimidade com o gênero, e isto me limitaria a escrever e a entender quem seriam as personas que precisariam aparecer no papel. E qual seria o enredo?

Em *“Tudo Menos Beterraba”* estudamos muitos conceitos. Candhi tinha uma cena de oficina de dramaturgia, esta cena foi parar em nossos exercícios e está no texto. A cena das duas irmãs que decidem brigar pelas cinzas do pai morto, onde uma das irmãs, praticamente entope o pai adoentado de sopa de beterraba e que em seu suspiro antes da morte grita: “Tudo menos Beterraba”. Esta cena foi costurando a vida de Dora, a protagonista, e seu enredo é inspirado em *“A Rosa Púrpura do Cairo”* (1985), filme de Woody Allen, a personagem oprimida pelo marido, vê seu personagem favorito do cinema sair das telas de cinema. Já para Dora, seu personagem favorito sai de dentro da rádio para dar à sua vida um pouco mais de brilho.

No início do processo chegamos a escolher uma direção de fora do grupo, que também ficaria por conta da cenografia. No entanto, a parceria não foi bem sucedida e antes mesmo da

estreia, já estava desfeita – nesse momento vivemos, literalmente, um melodrama de intrigas e peripecias neste primeiro espetáculo.

O espetáculo ganhou pouco fôlego e perdeu-se um pouco entre as memórias do grupo, apesar dos bons frutos colhidos, como o início de uma parceria com Paulo Merísio, um prêmio de melhor ator coadjuvante para Adriano Canindé e outras indicações no Festival Nacional de Caxias.

Entramos em contato com Merísio que se dispôs a ir até a nossa sede e nos auxiliou com alguns exercícios, viu nossas cenas e nos orientou. Foi um momento muito importante, já que ele é especialista e nos garantiu um norte sobre o caminho que já tínhamos traçado, e precisávamos continuar. Após algumas apresentações, sendo a última no espaço da sala Paschoal Carlos Magno (Palcão), teatro nas dependências da UNIRIO, nos despedimos de “*Tudo Menos Beterraba*”.

No entanto, o desejo de explorar o gênero Melodrama e a busca por uma pesquisa teatral manteve-se presente. E entre memória e desejo, construímos o esquete Melodrama em Jogo com uma única apresentação no Festival de esquetes do SATED. Todo com um texto coletivo, e partindo dos exercícios de improvisação, a direção ficou por conta do Adriano Canindé e o elenco permaneceu o mesmo de “*Tudo Menos Beterraba*”, com Adriano Canindé, Cris Cota, Diego Lessa, Marcela Benites, Jaqueline Paiva, Renato Penco e Yhorana Carpanelli. Aproveitamos os figurinos, os tipos que já vivíamos no espetáculo, o cenário. E uma imensa vontade de ressignificar todo o processo do espetáculo.

Para a montagem do nosso primeiro espetáculo Melodramático, cada ator pagava uma cota por mês, como já citei acima. Inclusive o financeiro também nos gerou sérios problemas. Foi difícil sustentar todo um processo desta forma. Já ouvi relatos de amigos que trabalham em outras profissões e reúnem-se aos finais de semana para criar seus espetáculos. E praticamente tiram do próprio bolso o custeio de seus espetáculos, no entanto, 70% do elenco do grupo Cochicho, seja nuclear ou não, vive unicamente dos cachês dos seus trabalhos. Estamos todos sempre muito acelerados em busca de trabalho e de sustento. Abrir mão de um dia de trabalho custa o aluguel do mês, sendo assim, investir em um espetáculo sem retorno financeiro é uma demonstração de paixão. E por essa razão é que, mesmo antes do fim de “*Tudo Menos Beterraba*” ficou decidido que para investir em espetáculos de repertório, deveríamos estar respaldados por um edital.

Em 2019 nos inscrevemos para o edital da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ) com realização em 2020. Fomos aprovados, mas, uma questão técnica com a contadora inviabilizou o projeto, que novamente passou pela mesma seleção em 2020, com realização para 2021. O edital que visava contemplar projetos da Baixada nos teatros da FUNARJ, foi a oportunidade de novamente trabalharmos o Melodrama, desta vez com “*Folhetim*”. Sob que medida o melodrama também pode emocionar? Desta vez, para o projeto que contava com a supervisão do Paulo Merisio, voltamos a atenção para os nossos. Com isso, Adriano Canindé assume a direção e eu assumo a dramaturgia. O cenário fica por conta de Derson Dias, que também é um artista da Baixada Fluminense, da Cia de Segunda. O visagismo foi feito por Tiago Costa, também ator da Baixada; e figurinos de Tamy Borges e Ana Carolina Reis, que também é uma das nossas produtoras. A iluminação é do Wilson Reis, sendo operada ao longo do Projeto por Jéssica Alves. Contra-regragem de Maico Douglas e com a sonoplastia de Ivan Machado. Sendo assim, 90% da nossa equipe, dentre os atores e técnicos, são moradores da Baixada Fluminense e ligados ao Grupo Cochicho na Coxia.

Quando pensei a linha dramaturgica, aliamos o improvisado, que é uma paixão do grupo, ao melodrama. O texto contém uma homenagem aos atores e personagens da primeira rádio novela transmitida no Brasil. Com um enredo cheio de reviravoltas, podemos ver os clássicos personagens de melodrama, contudo, a narrativa proposta para personagem Constança, no final, foi criada a fim de gerar uma atmosfera de envolvimento. Será possível identificar posteriormente, ao longo do trabalho, a partir do texto completo, presente no ANEXO 1.

Há sempre um limite tênue entre drama e comicidade, apesar de uma atuação histriônica, percebemos um público envolvido e emocionado.

Constança – Fugimos! Eu e minha família. Artistas, ciganos, que éramos, nem sei como dei essa sorte. Ainda ouço os gritos, o horror. Por sorte, fugimos ainda no início da ascensão deste monstro. Por isso, estou viva, e consegui fugir. Uma dor insuportável em meu peito.

Carlota (debochada) – Um parafuso a menos e doses de uísque a mais isso com certeza.

Maria Helena abraça Constança

Constança – Foi insuportável, lembro de estar escondida. A família toda foi pega. Vi meus irmãos morrerem, o meu amor, a quem jurei viver perdidamente apaixonada por seus beijos ser assassinado. Me salvei, porque consegui fugir. Mas antes, torturada, humilhada, eu e minha filha. Catarina, foi molestada, e Frederico, meu neto, apanhou muito, não sei o que isso pode ter causado nele. E ao chegarmos ao Brasil a vida brutalmente nos separou. A última coisa que sei de Catarina é que ela morreu e Frederico ficou pelo mundo. (*Folhetim*, 2021)



Figura 06- Foto de Divulgação do Espetáculo Folhetim (2021). Foto de Filipe Reis.

Em 2021 realizamos alguns projetos, um deles com a SECEC, Secretaria de Cultura e Economia Criativa, pelo projeto retomada Cultural, onde nasce em uma linguagem audiovisual a Rádio Cochicho; e no mesmo ano estreamos com patrocínio da FUNARJ, o espetáculo *Folhetim*.

A *Rádio Cochicho* trata-se de um projeto que mistura o teatro, a leitura e o audiovisual, onde criamos uma radionovela, com base no livro “*O Cortiço*”, de Aluísio Azevedo. Neste projeto, precisei adaptar o texto do Aluísio em capítulos, 10 ao todo, incluindo cenas com os bastidores da rádio.

Então, Vera Barroso, Alfredo de Nobrega, Carlos Coimbra e Miranda Valadares são os personagens que contam a história de “*O Cortiço*”, misturam elementos da década de 1940, elementos contemporâneos, onde uma família vinda do circo-teatro migra para a Rádio, a fim de manter seu sustento. Ciúmes e inveja por parte da vilã Vera Barroso, em cima de Miranda

Valadares, a mocinha, que é a paixão de Alfredo de Nobrega, irmão de Vera Barroso. Claro, o enredo conta com a voz sedutora de Carlos Coimbra que é parceiro de Vera Barroso. A cada capítulo de “O Cortiço”, o público também pode acompanhar a narrativa da Rádio, misturando-se a memes atuais da internet e temáticas políticas que aconteciam a cada semana de gravação; os comerciais criados para rádio eram de fato um brilho à parte, com os *jingles* cuidadosamente criados por Ivan Machado.

O texto foi escrito para um projeto que contemplava um público jovem que consome a internet, visando o estímulo a leitura. E o Melodrama com toda sua musicalidade se encaixava bem para o projeto. Afinal, o gênero ainda aparece nas pontuações das ações dramáticas que aparecem nos memes na internet e este espetáculo que foi escrito para o retomada Cultural da SECEC, o elenco foi composto por Cris Cota, Diego Lessa, Mariana Coelho e Renato Penco

Foi um projeto filmado e realizado de forma muito cuidadosa, pois ainda estávamos vivendo um período crítico da pandemia de COVID-19. As pessoas eram testadas a cada gravação e a equipe técnica trabalhava sempre de máscara, tomando os devidos cuidados necessários.

Vale ressaltar que este projeto continha muito calor e vontade, estávamos todos fazendo o que mais amamos depois de um período difícil. A nossa sede é sempre cheia de gente. Seja ensaiando, separando material, fazendo reuniões ou simplesmente, indo tomar café da tarde.

Todo movimento acerca do melodrama e todo envolvimento do grupo com o gênero, me fez refletir sobre qual seria a motivação. Seria o humor que o gênero provoca? A possibilidade da pesquisa? Mas por quê justo o Melodrama? Visto que existem outros gêneros que também provocam esse humor e provocam também tantas outras emoções.

E depois de tantas leituras acerca do gênero, percebo que nossa identificação está no modo de fazer/viver de teatro que a linguagem melodramática possui. Essa indicação, para os demais membros, talvez seja só intuitiva. Mas, quando me deparo principalmente com o circo-teatro, percebo o quanto o modo de viver e fazer nos aproxima.

A escolha do responsável pelos textos geralmente se dava pela manifestação espontânea das aptidões de um artista com maior intimidade com as letras, por sua escolaridade ou pelo hábito de leitura. Frequentemente um mesmo artista assumia as funções de autor/adaptador e de ensaiador, tornando-se o maior responsável pelos espetáculos de sua companhia. (Daniele Pimenta, p. 84, 2009)

A minha escrita sempre foi muito intuitiva, sempre partiu, principalmente, da minha intimidade com a cena e da minha experimentação com o jogo de atuação. E, claro, da necessidade. A necessidade da produção e adaptação de textos para trabalhar e atender às demandas que nos eram pedidas pelos contratantes. Intuitiva sim, porém, sempre bem pesquisada, a partir de leituras e com embasamento. Como meu processo de escrita surge também da necessidade, a partir do momento em que experimento o gênero e aprofundo meus estudos acerca dele, começam a surgir os primeiros rabiscos no papel que dão origem à *Folhetim*.

Quando surge o edital da FUNARJ, começamos a pensar que espetáculo poderíamos inscrever. Gostaríamos de continuar a trabalhar com o melodrama, mas, também revisitamos alguns experimentos do grupo ao longo do tempo.

Em 2008, ainda na faculdade Renato e eu experimentamos o *match* de improvisação: o Teatro-Esporte, nele existem diversos campeonatos de improviso. Desta experiência com os jogos de improvisação, surgiu um campeonato de improviso, que reuniu muitos jovens alunos em uma proposta de curso adulto. E um espetáculo de humor chamado *Improchicho*, que fez bastante sucesso e fez com que o grupo realizasse pautas em diversos locais. O elenco era composto por quatro atores que se destacaram no curso.

A improvisação, então, esteve presente em alguns outros espetáculos do grupo, espetáculos de teatro empresa e como a linguagem sempre foi muito apreciada, desta vez, resolvemos de alguma forma trazê-la de volta. Então, em *Folhetim*, passa a existir o momento das cartas de amor, onde histórias de amor são recolhidas da plateia e nós as encenamos, proporcionando a cada apresentação uma nova surpresa.

Para a criação da dramaturgia de *Folhetim*, busquei textos de rádio-novelas. Como *Tudo menos beterraba* sofreu influências de “*O céu uniu dois corações*” texto de Antenor Pimenta, e de “*A Rosa Púrpura do Cairo*”, filme de Woody Allen, busquei conhecer o universo dos radialistas e da Rádio Nacional. Foi quando me deparei com “*Em busca da Felicidade*”, uma adaptação de uma rádio novela cubana, feita por Gilberto Martins. As personagens e todo o enredo foram desenvolvidos de acordo com as imagens que consegui dos atores e dos seus nomes durante a pesquisa. Essas imagens e a sonoridade dos nomes serviram como uma espécie de indutor para o meu processo criativo. Claro que as funções desenvolvidas pelas personagens de *Folhetim* foram retiradas das funções reais exercidas também pelos atores reais de “*Em Busca da Felicidade*”. No mais, os ingredientes escolhidos para a escrita foram os temas

recorrentes dos melodramas: crianças desaparecidas, a figura do povo cigano, um amor que se dissolve devido a um mal entendido criado por um vilão.

Dentro desta “receita” procurei incluir elementos da Rádio Nacional da década de 1940, como o *Repórter ESSO*, um importante noticiário jornalístico. É neste trecho que me utilizo de uma metáfora bastante significativa para externalizar com o público um momento delicado político que estávamos vivendo.

Folhetim estreou ainda com uma pandemia em andamento, em um governo presidencial conturbado. Muitas pessoas morreram devido a pandemia de COVID-19 e o presidente da época expressava-se com muitas falas problemáticas.

A personagem Constanza foi perseguida por sua condição cigana na ascensão do nazismo, e a sensação que todos ali estávamos vivendo é que estávamos vendo o fascismo crescer aos nossos olhos. A notícia sobre a morte de Hitler, noticiada verdadeiramente no *Repórter ESSO*, foi a que escolhi para dentro de um jogo de palavras, levar ao público a uma reflexão; as cenas que se seguem são extremamente densas, gigantescas em seus gestos, e emocionantes.

Aurélio – Com vocês mais uma edição do seu *Repórter Esso*. E atenção, atenção aqui fala o seu repórter Esso, a sua testemunha ocular da História. Hoje morre um líder. Um Mito na nação, predestinado a ser o Salvador do País. Foi militar, de boa família, defensor da moral e dos bons costumes. Em seu discurso, via-se um certo desprezo pelos seus contrários, negros, pobres e homossexuais. Cristão fervoroso, nunca tolerou bem aqueles que continham uma crença contrária. Com forte apreço a uma construção de uma identidade nacional. Seria certo? O País acima de tudo, Deus acima de todos? Sem apreço por questões ambientais, conseguiu muitos seguidores, no entanto também é repudiado por uma grande parcela da nação. Sobretudo, artistas, mulheres, homossexuais e negros, ou seja, por aqueles que o próprio rejeitava. Hoje dia 30 de abril de 1945, cometeu suicídio Hitler. Isso é fato! Afinal, senão deu na Esso não aconteceu. (*Folhetim*, 2021)

Neste trecho queria externalizar o quanto todo aquele processo, em meio a pandemia, a falta de incentivo cultural e o fechamento das portas do nosso Centro Cultural, era doloroso para nós. Estávamos apostando em *Folhetim* nosso desejo de pesquisa e experimentação. No primeiro edital da FUNARJ, o texto ainda não estava completamente fechado, mas mesmo apenas como um roteiro, fomos aprovados. Como o edital de 2020 perdemos por questões burocráticas, pude aprimorar o texto para o edital de 2021, e incluir todas essas reflexões.

“*Folhetim*” estreou em 2021 no Teatro Glaucio Gil, muito longe do que sonhamos. Durante o processo, levantamos quase que quatro espetáculos diferentes, para atender às demandas sanitárias vigentes à época.

Realizamos o espetáculo utilizando máscaras, com o distanciamento físico de 1,50 metros entre um ator e outro, e não podíamos ter mais do que cinco atores na cena. A apresentação foi muito emocionante: uma casa cheia, com o público idoso de Copacabana, cheio de expectativas por estarem dentro do teatro novamente. E, no final do espetáculo, comentavam conosco suas experiências da época do rádio e como se sentiam tocados.



Figura 07-Imagem de Zezé Fonseca, atriz que interpretou Anita na Rádionovela “Em Busca da Felicidade” e inspirou o nome da mocinha de “Folhetim”



Figura 08-Cris Cota como Anita de Montemar

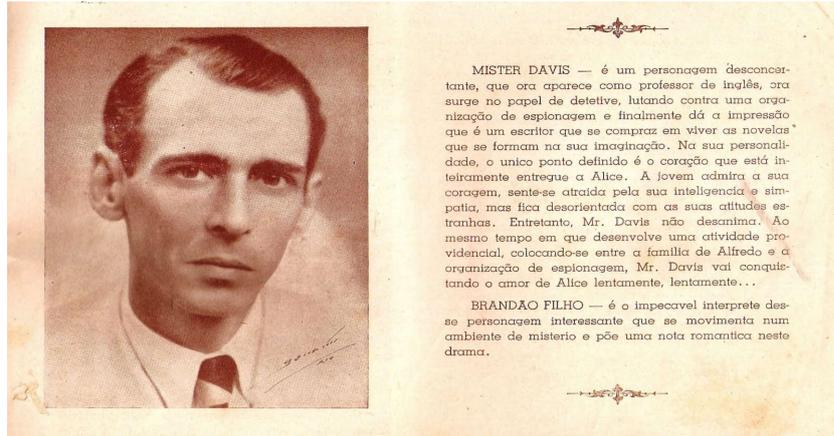


Figura 09-Brandão Filho é o nome do interprete do mal caráter Mister Davis, sedutor de “Em busca da Felicidade”, e inspiração e homenagem para o nome do vilão de “Folhetim”



Figura 10- O ator Renato Penco caracterizado como o personagem Brandão Filho de “Folhetim”.

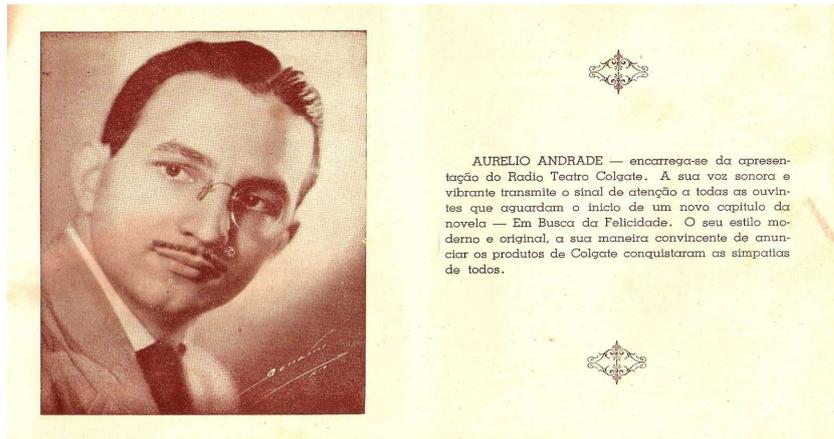


Figura 11- Aurélio Andrade era o Locutor que anunciava os capítulos de “Em busca da Felicidade”



Figura 12- Adriano Canindé como o Mocinho Aurélio de Folhetim.



Figura 13-Yara Sales, interpreta Carlota Moraes que se envolve amorosamente com o marido de Anita, sem saber que ele era casado.



Figura 14- Jaqueline Paiva interpreta a vilã Carlota Moraes



Figura 15-Lourdes Mayer deu a voz a Constaça na Rádionovela “Em Busca da Felicidade” e da sonoridade do nome da personagem e seu sobrenome, criou-se o nome d personagem Constança Mayer de origem cigana.



Figura 16-Thais Aquino como Constanza Mayer em Folhetim

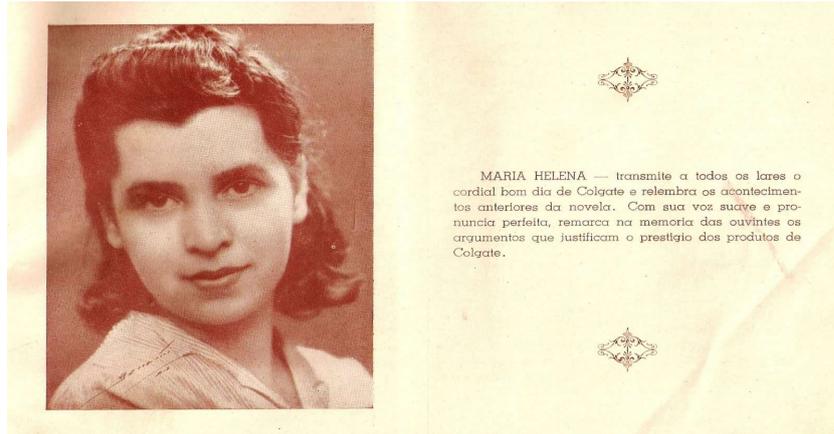


Figura 17- Maria Helena era uma importante radialista da época. E principal locutora da Colgate marca patrocinadora de “Em busca da Felicidade”



Figura 18- Palloma Sobreira como Maria Helena narradora importante na trama de “Folhetim”

Apenas, Narciso Calado interpretado por Diego Lessa, não teve uma inspiração direta nos personagens de “Em busca da felicidade”.



Figura 19-Diego Lessa como Narciso Calado. Seu nome é uma brincadeira com a condição de seu personagem não falar. O personagem revela-se como uma grande vilão em “Folhetim”

Em 2022, com o projeto Retomada Cultural da SECEC, *Folhetim* volta aos palcos, porém, por questões pessoais, Renato Penco deixa o elenco e Diego Lessa assume o papel de Brandão Filho, e o personagem Calado, ganha uma versão feminina: Inezita Matraca – nome inspirado na radialista Inezita Barroso – que foi interpretada por Lorryne Azeredo.

Além da inclusão de um novo personagem Bechara Jalkes, inspirado em um famoso detetive particular da década de 1950 no Rio de Janeiro, que foi interpretado por Everton Barros, um dos alunos surdos do projeto Inclusão pela Libras. Convém destacar que o ator Everton, participou do espetáculo “*Romeu e Julieta - Amor em Silêncio*” (2011), com direção de Renato Penco e Cris Cota. O espetáculo é apresentado todo feito em LIBRAS com a tradução para o Português. E Everton foi convidado a estar no projeto “Folhetim” expandindo os nossos horizontes sobre a inclusão. Este personagem ajuda Maria Helena a descobrir as sabotagens na rádio, e o espetáculo ganhou tradução em LIBRAS. Este foi um retorno do que já experimentamos com o público e com um pedaço da nossa história.



Figura 20-Lorryne Azeredo como Inezita Matraca.



Figura 21-Everton Barros interpretando Bechara Jolkes.



Figura 22-Imagem retirada do site Rádio Nacional, levantada em pesquisa sobre Radionovelas.

Da escrita de *Folhetim*, perpassando pela *Rádio Cochicho*, até chegar a *Rádio Independência*, a escrita criou mais maturidade. No entendimento de recursos interessantes e os efeitos que o melodrama pode oferecer e que tornam interessante a cena.

Em *Rádio Independência*, meu último texto realizado, apesar do pano de fundo ser uma rádio e ainda brincarmos com os tipos, há um amadurecimento no trabalho com todos esses elementos e na criação de conexões entre o Bicentenário da Independência e a Emancipação de Mesquita.

Neste projeto, o enredo melodramático não está na relação das personagens, que voltam a cena, Miranda Valadares, Vera Barroso e Carlos Coimbra, apenas Soraia Reis entra no lugar de Alfredo de Nobrega. Agora é a história do Brasil com seus personagens reais e vividos pelos

atores da “*Rádio Independência*” que dão o tom melodramático. Neste projeto, o melodrama ao contrário de *Folhetim*, é usado para provocar o humor na plateia, e, de forma sutil, o espetáculo nos brinda com nuances mais populares do teatro, acrescentando às tintas melodramáticas, elementos do próprio teatro de revista.

Como autora, eu desejo, que o próximo trabalho escrito dentro da linguagem, explore outros universos fora da radionovela, com uma trama mais contemporânea, dentro de um período mais atual, gostaria de experimentar como a trama se comportaria fora de um contexto das rádios.

CAPÍTULO 2 – O povo de Paris: experiência pedagógica

2.1 O tabuleiro do jogo, regras e o porquê da escolha do peão

Credo

Canção de Milton Nascimento

Caminhando pela noite de nossa cidade
 Acendendo a esperança e apagando a escuridão
 Vamos, caminhando pelas ruas de nossa cidade
 Viver derramando a juventude pelos corações
 Tenha fé no nosso povo que ele resiste
 Tenha fé no nosso povo que ele insiste
 E acordar novo, forte, alegre, cheio de paixão

Vamos, caminhando de mãos dadas com a alma nova
 Viver semeando a liberdade em cada coração
 Tenha fé no nosso povo que ele acorda
 Tenha fé no nosso povo que ele assusta

Caminhando e vivendo com a alma aberta
 Aquecidos pelo sol que vem depois do temporal
 Vamos, companheiros pelas ruas de nossa cidade
 Cantar semeando um sonho que vai ter de ser real
 Caminhemos pela noite com a esperança
 Caminhemos pela noite com a juventude

A canção de Milton Nascimento, intitulada “*Credo*”, remete-me de forma muito forte aos meus alunos. A Educação de Jovens e Adultos tornou-se uma paixão, um desafio e um eterno encontro e desencontro. A palavra “credo” que significa acreditar, crer em algo, em sentido religioso, é uma oração. Para os alunos da Educação de Jovens e Adultos é cortar a cidade com fé na escola. Recordo-me, que depois de um intenso período no Grupo Cultural Cochicho na Coxia, realizei o concurso para Queimados. Na época, assim que tomei posse no município, fui convocada para as qualificações finais na Rede do Rio de Janeiro.

Eu já estava em uma escola, Escola Municipal Washington Manoel, com seis turmas de sexto ano e claramente perdida: abriria a mão do outro município? Como seria conciliar uma matrícula de 16h semanais com outra de 40h? Foi quando, ao conversar com uma outra

professora, também da grade de Arte, porém, contratada, ela me falou da possibilidade do ensino à noite com turmas de EJA.

Claramente a colega não queria perder a vaga naquela escola, que estava acostumada e muito me estimulava a buscar a vaga. A própria me garantia que havia vaga na Escola Municipal Leopoldo Machado à noite. Havia exatamente uma semana da minha posse e que eu estava na escola, mas decidi, não perder a oportunidade, e tentar a vaga à noite, para conciliar com o curso de formação do Município do Rio, curso que era etapa eliminatória do concurso.

Respirei fundo e bati na porta da direção:

Fabi – Boa tarde, posso falar com a Senhora? (lembro-me vagamente de falar o nome dela. Mas, honestamente não me recordo, vou dar-lhe o nome de Suzana)

Antes de continuar a minha descrição dos fatos, gostaria de ressaltar que nas escolas, todos os meus colegas me chamam de Fabi. Cris é o nome artístico, como provavelmente terei citado acima. E é na diferença da Fabi e da Cris e, principalmente, na interseção das duas, que a artista-docente nasce. Mas, voltemos ao meu diálogo, e como toda essa história se desenrola.

Suzana – Entra! (Olha pra inúmeros papeis e não se digna a olhar nos meus olhos, o ar parava naquela sala)

Professora Fabi – Então, Suzana, eu passei pra uma etapa do concurso do Rio, queria saber se eu poderia voltar a SEMED, e conseguir uma vaga à noite? (Ela continuava a olhar para os papeis. A voz embargou, e se naquela época eu já estudasse melodrama com certeza, eu teria por um momento vestido a personagem da Dona Santa, cega, tagarela e altamente sofredora)

Continuei:

Fabi – Como ainda estão convocando será fácil achar alguém para me substituir.

Suzana – Minha filha, toma aqui o nada a opor. (Era um misto de “não enche o saco” e “sai logo daqui”. Não sei se fiquei intimidada ou aliviada.)

Retornei para a SEMED e consegui a vaga no turno da noite na Escola Municipal Leopoldo Machado, em seguida fui me apresentar na escola. Assim, garanti minhas duas matrículas, do Rio e de Queimados. Capital e periferia. Regiões marcadas por muitos conflitos sociais. Em uma, o desafio de lidar com crianças de 1º ao 9º ano. E na outra, de lidar com adultos. A minha recepção não foi das melhores, afinal, naquele momento eu acabava de tirar a vaga de um colega contratado. O turno da noite era intimidador, eu tinha alunos com muito mais experiência de vida, os mais jovens eram bastante complicados, corpos largados na

carteira que antes fora esmagados da viagem de trem. E isso me lembrava a volta para casa, ir e voltar de trem era amedrontador. Eu, enquanto mulher, de figura frágil, numa estação vazia... Meus alunos e eu estamos marcados pelo Japeri.

A rotina de trabalho também era muito exaustiva. No município do Rio eu precisava realizar, nos primeiros anos de trabalho, 32 tempos em sala de aula, divididos em três escolas. Somados aos 12 tempos de Queimados à noite, ainda realizava alguns trabalhos nos fins de semana com o Grupo Cochicho, mas durante um período não vivi mais a rotina do grupo como antes. O que no início da minha prática docente, me fez uma professora muito engessada e, sobretudo, cansada. No início da carreira, pouco experimentava os jogos de atuação com meus alunos, ficava muito presa ao quadro e aos textos. Isso me gerava um enorme desconforto, pois não me reconhecia. Sempre fui uma pessoa criativa, e essa prática não combinava com a atriz que sempre propunha novas atividades. Com o passar dos anos, consegui organizar e adequar melhor os meus horários, o que ajudou a melhorar, inclusive, a minha prática.

A escola, naquela época, estruturalmente, estava passando por muitas reformas. O ano era 2013 e de março até o fim daquele ano, pouco cumpria minha carga horária. Eram muitos os adiantamentos de tempo devido a faltas de professores ou mesmo a estrutura da escola que estava se modificando. A escola estava passando por uma reforma, a sede da escola era um outro prédio, eu nunca conheci o antigo espaço, a prefeitura tinha praticamente acabado de adquirir o prédio de uma escola particular.

A estrutura do Leopoldo Machado é no mínimo intrigante, conta com recursos como um auditório bem equipado, uma sala de dança com piso apropriado e espelho, ar condicionado em todas as salas de aula e uma quadra ampla de esportes, contudo, estes elementos são cercados pelo eterno vigiar e punir – fazendo alusão a obra de Michael Foucault, “*Vigiar e Punir*” (1987).

O pátio, onde também ocorrem as aulas de educação física, está localizado exatamente no centro da escola. Como uma grande arena, ou uma penitenciária, e as salas de aula estão todas em volta, em dois andares abertos. Do pátio vemos as salas de cima, como de cima também vemos o pátio. Todas as salas são monitoradas por câmeras, cujas imagens ficam projetadas na sala da direção. Estacionamento de professores e a frente da escola, a sala de professores e a secretária também tem imagens registradas pelas câmeras de segurança.

As câmeras sempre foram um recurso contra furtos e a manutenção da ordem e da segurança dentro da escola. A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte:

Um corpo de milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente de bem, corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta a obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados, assim como para vigiar todas as desordens, roubos e pilhagens. (Foucault, 1987, p. 120)

Sempre há um agente de turno atento à movimentação dos alunos, garantindo se os professores saíram de sala no horário correto e como está a movimentação nos banheiros, principalmente no banheiro masculino. O público da educação de jovens e adultos, que permeia o imaginário, e que sondava o meu até de fato encarar tal experiência, era de uma classe composta principalmente por homens e mulheres de meia idade ou bem idosos. Mas nas últimas décadas, este cenário vem mudando e cedendo espaço a meninos e meninas a partir de 15 anos, que as salas do diurno já não comportam o seu mal comportamento, ou a disparidade no fluxo das idades, os mandando a compor o quadro noturno. A EJA abarca o desafio de lidar com dois parâmetros: o público para que foi pensada inicialmente e um novo grupo de oprimidos que estão sendo achatados pelo sistema.

É claro que como toda boa história melodramática existem as personas que compõem este enredo. Nesta longa história de quase 10 anos na mesma escola, alguns colegas partiram para novos rumos e alguns permanecem. E claro, existem colegas que são verdadeiros galãs ou pais bondosos, dispostos ao acolhimento. Assim como os bobos, que são verdadeiros alívios cômicos aos momentos de tensão dramática. Há ainda mocinhas que beiram a ingenuidade em relação ao sistema sobre o qual vivemos. De fato, o grande vilão que enfrentamos é a burocracia, papéis de preenchimento que tomam um valoroso tempo com o aluno. A figura do diário de classe, por exemplo, que não deve conter sequer uma falha. Um documento que não chega no início do semestre, mas não admite atrasos em seu preenchimento, farfalha sua capa de estresse e um longo momento de clamor e pedidos de piedade sobre seu preenchimento nas reuniões pedagógicas.

Mas e os alunos? E as estratégias? E como ficam nossos mocinhos e mocinhas, que decidem enfrentar suas lutas e retornar à sala de aula? Como ficam esses indivíduos que, em vez de cavalos, tomam o Japeri, depois de um dia de trabalho, ou enfrentam a problemática do passe, que em todo esse processo pós pandemia não obteve regularidade e muitos alunos

precisaram escolher quais dias iriam às aulas, por não poderem de fato custear todos os dias de passagem?

Na condição de passageiros do fim do dia, ou do início do fim do dia e do início da noite, aproximam-se identidades de classe, raça, gênero, trabalho, escolarização truncada. Deslocar-se nesses espaços e horários pela cidade, pelos campos, indo e voltando ao trabalho e à EJA é uma luta por deslocar-se como classe, gênero, raça. Como coletivos. A EJA é o espaço-tempo desses coletivos, assim como são os movimentos sociais, o trabalho, a fila, a estação, ônibus.” (Arroyo, 2017, p. 24)

Como já citei em meu texto, eu trabalho em duas prefeituras distintas, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, e a prefeitura Municipal de Queimados, e mediante a tantos desafios vivenciados no sistema da rede de Queimados, bem como da própria escola, por que avançar nesse gigante tabuleiro de pesquisa justamente com este peão?

Jogar com Queimados é redescobrir um trajeto que já conheço, como bifurcações no próprio tabuleiro. A minha trajetória artística é na Baixada e ao longo de todo esse experimento, buscar cartas bônus, que façam entender como o professor de arte da Baixada Fluminense é figura primordial para a formação de plateia e o consumo artístico da região. Em uma região com poucos aparelhos culturais e acesso precário a eles, a figura do trabalhador da Arte, o artista e docente, é ser Dom Quixote, a andar sobre seu pangaré e lutar contra moinhos de vento. Loucos, sonhadores e a defender sua amada Dulcineia, que parece fantasia a outros olhos, mas para estes, musa real. E neste ponto quando a Cris toma o lugar da Fabiane mesclando as duas figuras, onde a professora dá lugar a artista-docente é que percebo que meu trabalho se torna potente, pois é através deste ponto que vejo que a sala de aula precisa ser o aparelho cultural, que não foi de fato pensado, mas que eclodiu de corpos que estão aprisionados a corpos vivos.

2.2 Avance 1 casa. Laboratório experimental. O planejamento.

A experiência do laboratório experimental foi prevista da seguinte forma: seriam escolhidas três turmas para a realização das atividades, com oito encontros e etapas que seriam realizados dentro do horário normal da aula de artes cênicas. O laboratório seria realizado após a 1ª semana de aula, sendo cortado pelo recesso de carnaval que constava em calendário escolar. O cronograma foi montado pensando em possíveis imprevistos e levando em consideração alguns eventos e semana de provas, para que pudessemos aproveitar bem todas as etapas propostas. A primeira semana seria utilizada para criar um ambiente acolhedor para todas as minhas seis turmas.

Devido à pandemia mundial causada pela COVID-19, tínhamos ficado mais de um ano e meio afastados do ensino presencial. Retornaríamos em setembro de 2021, com 30 minutos cada tempo de aula. Ainda não sabia ao certo como seria este retorno e foi dentro dessa perspectiva que o laboratório experimental foi projetado.

Primeiro o Laboratório foi pensado dentro de alguns questionamentos: Como levar corpos tão docilizados ao Jogo? Em que medida é preciso levar a artista para dentro da prática da docente?

<p>Laboratório Experimental: Do Tabuleiro ao Corpo, jogando com o Melodrama.</p>	<p>Objetivos: Usar as práticas artísticas da docente como potencializadores em sala de aula. Utilizar jogos de tabuleiro e recursos da internet na produção das experiências melodramáticas.</p>
<p>ETAPA 1 1 hora (2 aulas)</p>	<p>O que é Melodrama? Recurso Jogo de tabuleiro semelhante ao “Jogo da Vida” onde em cada trilha são apresentados aspectos históricos e ou “tarefas” do melodrama.</p>
<p>ETAPA 2 1 hora (2 aulas)</p>	<p>Personagens Tipo Os tipos serão apresentados e os alunos deverão criar um jogo de baralho nos moldes do UNO (Jogo popular principalmente entre os mais jovens). Criaremos de forma coletiva as regras do jogo, que deverá utilizar os personagens tipo na realização da ação</p>
<p>ETAPA 3 1 hora (2 aulas)</p>	<p>Jogando o jogo e testando as regras</p>
<p>ETAPA 4 1 hora (2 aulas)</p>	<p>Que som é esse? Utilizar músicas atuais que os alunos deverão recitá-las, demonstrando a intensidade e tipos melodramáticos.</p>

	Esse jogo é uma inspiração de um jogo que utilizamos muito no Cochicho na Cobia com turmas de teatro iniciante.
ETAPA 5 1 hora (2 aulas)	Gravando cenas de novela Programas de auditório. Reproduzir cenas icônicas de novela. Podemos utilizar o telão como recurso e gravar vídeos TIK e TOK. A plataforma digital TIK Tok é muito utilizada na dublagem de cenas.
ETAPA 6 1 hora (2 aulas)	Construindo dramaturgias Leitura dramatizada de pequenos textos teatrais, filmes e novelas.
ETAPA 7 1h30 (3 aulas)	Cena Construir de forma coletiva uma pequena cena baseada no JOGO DETETIVE
ETAPA 8 1 hora (2 aulas)	Jogo do Detetive Jogar o Jogo do Detetive com base na escrita cênica desenvolvida por eles.

O laboratório conta com fichas de registro, cada uma das três turmas seria dividida por cor. A ficha de avaliação da professora serviria como um registro das reações dos alunos. Conforme o exemplo abaixo:

Data:
Turma:
Alunos Presentes:
ETAPA do DIA

Desenvolvimento da Atividade:
Forças:
Fraquezas:
FOTO () Video ()

Verso da Ficha:

Anotações /Impressões/Emoções

Os estudantes também teriam suas fichas, que também seriam sinalizadas com a cor da sua turma. As fichas deles seriam uma espécie de diário de bordo e as folhas não seriam pautadas, tornando-se um espaço livre para que possam se expressar sobre vivência pessoal, de forma espontânea e livre. Com desenhos, cores, frases, colagem ou mesmo não utilizarem a ficha. O recurso da ficha é uma inspiração do Fichário de Jogos da Vila Spolin.

2.3 Girando a Roleta, o jogo começou

Iniciamos o semestre letivo e para o laboratório escolhi as três turmas de 8º ano da EJA, a escolha ocorreu devido à praticidade em justificar o planejamento. A rede de Queimados é extremamente burocrática, o que torna o trabalho muito difícil. Perde-se mais tempo preenchendo infinitos papéis do que realmente proporcionando uma aula de qualidade.

É aqui onde morava o desafio: eu conhecia as turmas, contudo, a EJA VIII (nomenclatura dada a turma) era, praticamente, toda nova para mim. No semestre anterior só havia uma turma de 7º ano e os alunos foram divididos e novos foram acrescentados, formando assim essas turmas. O desafio era apresentar uma novidade, um formato, propor a saída da carteira, em turmas que eu ainda não tinha intimidade. Mas, permita-me apresentar as turmas. Para melhor ilustrar irei utilizar para cada uma delas um nome de um personagem do jogo detetive. O Jogo detetive é um jogo para desvendar através de pistas o enigma do crime. E como cada turma tratava-se de um grande enigma, acho interessante tal comparação.

Turma VIII-1: vamos nomeá-la de Senhorita Rosa, a personagem dançarina. Elementar, meu caro leitor, parafraseando Sherlock Holmes, a turma Senhorita Rosa é em sua maioria feminina e também muito jovem. Alunas/os com 16, 17 e 18 anos em sua maioria. E algumas figuras mais maduras, eram mais maleáveis e flexíveis. Uma turma extremamente expressiva, alegre e agitada.

Turma VIII-2: vamos nomeá-la de Mordomo James, dentre as três turmas é a turma mais velha, considerada por outros professores como a melhor dentre as demais. Muitos adultos. E mesmo os mais jovens eram extremamente calados e tímidos. A turma possuía uma certa rigidez e classe.

Turma VIII-3: gostaria de nomeá-la de Tony Gourmet, chefe de cozinha, uma mistura de sabores. Era uma turma que, ao contrário da turma Senhorita Rosa, era muito mais masculina, também uma turma muito jovem, mas mesmo as figuras mais velhas permitiam-se misturar sabores.

Os registros destes dias de laboratório são pistas de um processo, fragmentos, em que vivenciar a experiência com os alunos foi mais intensa, interessante e envolvente do que simplesmente segurar uma câmera.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Larrosa, 2015, p. 18)

Em um primeiro momento, o primeiro contato com as turmas, contou com uma breve explicação sobre o tema. O município ainda não estava totalmente normalizado, o final de 2021 transcorreu com aulas presenciais, mas o início de 2022 foi difícil de engrenar. Não sabíamos

como iria ser, a direção da escola havia mudado, o início das aulas atrasado devido os casos de Covid. Tudo era incerto.

Na segunda semana de março tive contato mais substancial com as turmas. Optei por iniciar o laboratório conversando sobre o gênero, e por insegurança, comecei com um texto no quadro. Aproveitei para sentir as três turmas e perceber como o gênero chegava em cada uma delas.

A turma *Senhorita Rosa* prontamente citava novelas e personagens que vinham à cabeça, a conexão com o tema foi imediata. A turma *Mordomo James* era extremamente desconfiada. Os alunos que já conheciam, sempre apresentavam uma resistência. A resistência está ligada a viver o que era proposto; alguns, não todos, não viam a disciplina arte como algo relevante. Cheguei a ouvir algumas vezes em sala, que preferiam ter mais tempo de outras disciplinas e que arte poderia ter um tempo só. Isso não tratava-se de algo pessoal com minha figura, ou com a aula em si, mas era nítido nesses discursos a urgência da informação. Esse discurso não era solto e vazio, vinha de bocas de pais e mães de família, carregava um endurecimento da vida e da necessidade da busca por algo melhor.

Após a insegurança inicial, partimos para jogos de aquecimento. Primeiro fiz jogos teatrais, não necessariamente ligados ao melodrama. Comecei com alguns jogos para “quebrar o gelo”, Coro e Corifeu e jogos de concentração. Neste primeiro momento, as turmas permaneceram sentadas na carteira. Alguns olhares desconfiados em todas as turmas.

Comecei, então contando a eles que no teatro grego existia o Coro e o Corifeu, um detinha palavra quanto o outro a reforçava. E convidava um aluno a se retirar da sala. No primeiro aluno retirado, eles ficavam com os olhos arregalados. De primeira achavam que eu estava punindo alguém. E só com o desenrolar do jogo que entendiam de fato a proposta. Com o aluno fora da sala, eu combinava com os demais alunos quem seria o Corifeu. E o restante da turma seria o Coro. A principio acontecia sempre uma pequena resistência, e entre uma rodada e outra, era comum os alunos repetirem o mesmo gesto proposto pelo Corifeu anterior. Em seguida também proprunha um jogo de atenção. Em que o aluno fora da sala precisava sinalizar o que estava diferente dentro da sala. Os alunos em sala deveriam trocar de lugar, de objetos e modificar o espaço da sala. Com este jogo, a tentativa é de tirá-los do conforto das cadeiras. E então, começo a explicar sobre o melodrama.

Então, a teoria do quadro ganha uma contação de histórias. Decido explicar a parte teórica como uma grande contação. Trago para meu corpo personagens, vozes e momentos em

que os alunos interagem na explicação. Vou contando sobre seu surgimento, e os fazendo lembrar, sobre trilhas de cinema, ou novelas na televisão que deem conta de exemplificar alguns pontos acerca do gênero.

As três turmas embarcam no combinado que instauramos. Alguns alunos prontamente interagem, realizam os “Ai ai” dos sofreadores, ou as gargalhadas dos vilões. Outros alunos permanecem inertes, alguns, inclusive, com um olhar julgador. Afinal, para que estudar melodrama? Em um contexto em que se perdeu tempo, onde é preciso correr. E a corrida é de obstáculos, dribla-se o cansaço, uma sala com adolescentes barulhentos, salta-se o patrão que não libera a tempo e o aluno precisa pegar um papel para entrar mais tarde em sala.

É preciso desviar, desviar atenção por segundos, da comida no fogão, da casa e dos filhos. Quando estas não são mães de filhos adolescentes, também na mesma EJA, e elas precisam se concentrar em si próprias. Pular por cima do medo do último ônibus que não podem perder ao sair da escola.

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que tem como indivíduos? (Freire, 1996, p. 15)

Com muita relutância por parte de alguns, principalmente da turma Mordomo James, os consigo retirar da cadeira. Forma-se a roda. A roda da turma Senhorita Rosa não tem forma circular, o que revela a natureza da turma bem agitada. A turma Mordomo James tem uma roda em que alguns alunos se recostam pelas cadeiras. O impressionante é que essa postura parte dos mais jovens; já os mais velhos olham desconfiados. A turma Tony Gourmet recebe a orientação com muita curiosidade.

Realizo, então, o jogo do TOMATE, onde os alunos repetem as sílabas da palavra falando para a pessoa do lado (direito, por exemplo): TO→ TO→ TO→...; e, quando desejam passar para a próxima sílaba, precisam também mudar a direção do jogo e falar a sílaba para a pessoa do lado contrário (neste exemplo, retorna para o lado esquerdo): ←MA ←MA ←MA...; assim sucessivamente; este jogo me foi apresentado no processo do trabalho do grupo com melodrama. Os alunos tiveram muita dificuldade de entendimento do jogo. Passada algumas rodadas, passei para as frases melodramáticas.

A proposta era realizarmos o mesmo jogo com as frases “Ai de mim”, como os/as sofredoras/es, “Eu me Vingarei”, como vilãs/ões e “Je t’aime” como apaixonadas/os – acrescentando a gestualidade de cada papel. E aos poucos, se deveria aumentar o sentimento e a corporalidade; mas os alunos não conseguiam aumentar o “volume do corpo”. Nas primeiras rodadas uma parte dos alunos apenas passavam a sílaba adiante, tentavam livrar-se do constrangimento de estarem no foco, outros já se envolviam no jogo mais intensamente.

A todo momento eu preciso estar com os alunos jogando, e não como um modelo a ser seguido para uma cópia de movimento, mas, a minha exposição é uma maneira de se sentirem seguros e confiantes. Por isso, eu já me preparava para entrar em sala sempre já encarnando um personagem, ou com um gesto suspenso, me valendo do anacronismo do gênero e do humor que ele gera. Isso gerou uma maior confiança no meu próprio trabalho, e uma nova percepção sobre minha função naquele espaço, a da artista docente.



Figura 23- Video produzido no laboratório de criação. Exercício “TOMATE” utilizando frases melodramáticas. Alunos da Turma Senhorita |Rosa.

Alguns referem-se ao melodrama como um gênero do exagero; prefiro trocar a palavra por intensidade, quanto maior a intensidade, maior era o momento do jogo. E maior era o envolvimento e divertimento.

Neste primeiro encontro, realizamos uma ficha com as impressões das aulas, foi o único registro com a ficha, esta escolha de registro precisou ser repensada e em seguida não seguiu ao longo do trajeto. Ficou impossível manter este tipo de registro com um tempo tão desregular. O Tempo na EJA acontece de forma muito diferente. Dependendo da configuração do turno, atividades extras e professores ausentes, acabam por interferir na dinâmica.

Das fichas deste primeiro encontro resalto alguns pontos: a dificuldade em compreender alguns comandos e a dificuldade de se expressar. Em “sair da caixinha”, formular

frases que de fato expressem uma opinião, uma crítica. O termo que muito colegas usam, “aluno copista”, nunca me soou tão aterrorizante naquele momento.

Outro ponto alcançado foi perceber a curiosidade. Essa centelha que este primeiro momento despertou foi combustível necessário para levá-los a vivenciarem um processo.

A primeira grande etapa que vivenciamos no nosso laboratório foi um jogo de tabuleiro aos moldes do “Jogo da Vida”. Esse jogo de tabuleiro foi extremamente popular nas décadas de 80 e 90 e mantém-se até hoje no mercado.

O Jogo consiste em passar por caminhos, casas no tabuleiro, que ditam situações de crescimento de um jogador ou de grande catástrofe, e o que dita esse caminhar é a roleta. Escolhi o jogo como inspiração, por me parecer uma narrativa bem melodramática. Em segundos, tudo pode mudar no jogo da Vida, ou simplesmente se resolver, *Deus ex-machina*, apenas no girar da roleta.

Dentro do Jogo original, o participante, pode cair em uma casa onde recebe uma herança inesperada, ou simplesmente, perder tudo num incêndio, e somente ser salvo se por um acaso tiver escolhido comprar uma apólice de seguro. E o final do jogo ou você torna-se um grande magnata ou vai á falência total.

Mas, para nosso tabuleiro, o jogo consistia em tornar-se um verdadeiro personagem melodramático. Um enorme tapete era estendido no chão da sala. Escolha proposital, a ideia era ressignificar de fato o espaço da sala de aula. Para o momento acontecer, eles precisaram afastar as cadeiras, organizar a sala de um modo diferente, abrir espaço, sair da ordem.

A trilha eram espaços em branco, e foram criadas fichas com instruções que foram distribuídas pelo tabuleiro. As primeiras casas davam conta de pequenas explicações históricas, como o país de origem e século. Em outras fichas havia tarefas para serem cumpridas pelas equipes. Nas fichas, foram propostas tarefas sobre circularidade, trechos do livro de Jean-Marie Thomasseau (2005), além de catástrofes capazes de fazer o grupo retornar ao início do jogo. As fichas tinham as seguintes descrições:

- O melodrama tem seu início no Século XIX. Rodou a roleta devagar e começou do começo. Calma! Ainda temos muito o que avançar!
- O melodrama surgiu pós a Revolução Francesa.
- O melodrama tem um apelo visual muito forte. É um gênero das camadas populares.
- Triangulação é uma característica estética do melodrama.

- Espere o que eu vejo...oh céus! Será Paola Bratcho e Paulina? Ou será, Ruth e Raquel? Vocês devem conseguir falar 1 frase completa juntos em coro sem combinar. Claro alguns como vilã e outros como mocinha!
- Faça uma revelação bombástica e escolha alguém para voltar 2 casas.
- Morra de amor e paixão por alguém que não te ama. Volte 3 casas.
- Descobriu que você é adotado! Desmaie Melodramaticamente!
- Escolha alguém para voltar 2 espaços.
- No melodrama temos o recurso dos grandes efeitos. Onde tudo pode cair por “água abaixo” e se resolve de forma milagrosa. Um cego milagrosamente volta a enxergar. Ou como a batalha final do Filme Crepusculo, onde aparecem todos morrendo. Mas, nos minutos finais descobrimos que tudo era só um sonho, e as personagens evitam a luta para evitar sua própria morte.
- No melodrama é comum trazer a problemática do personagem para o corpo. Então, é comum vermos personagens com alguma doença ou deficiência. Esse recurso é utilizado para a plateia se ligar mais rapidamente à personagem. Por ligar às nossas fragilidades humanas.
- O melodrama tem personagens muito maniqueístas. Se são bons, são ao extremo, se são maus, também são muito maus. Verdadeiro ou falso? Se acertar avance uma casa.
- Cite 5 vilões de novela, em 1 minuto.
- Cite 5 mocinhos de novela, em 1 minuto).
- Você estava no Titanic. E não conseguiu subir na porta. Volte ao início do Jogo.
- Conseguiu tomar a Fábrica de Chocolates de Ana Francisca. Comemore como um vilão.
- Roubaram sua herança...Chore copiosamente!
- Thomasseau (2015) nos diz que os melodramaturgos acreditavam que um bom melodrama devia começar por um bom título. Um título que chamasse a atenção. Com as palavras na caixa, montem 2 títulos, que vocês achem melodramáticos.
- O Melodrama foi dividido em: Melodrama Clássico (1800-1823), Melodrama Romântico (1823-1848) e Melodrama Diversificado (1848-1914).
- Gesto suspenso! “Exagero” e um corpo grandioso são características estéticas do melodrama. Relembrem um professor/artista dando aula/ou em outro momento, e o imitem utilizando de forma grandiosa o corpo e os gestos.
- Cuida como a um filho, que bondade! Uma verdadeira galã maior. Escolha alguém para avançar uma casa.
- Declame o seguinte texto como se quisesse seduzir alguém. Escolha entre texto 1 e 2. Ora, que galanteador... avance 1 casa em busca de seu objeto de desejo tsc tsc! Você não passa de um reles conquistador barato. Volte 1 casa. Os outros jogadores decidem o seu destino).
- Por 3 rodadas você só pode se comunicar usando uma voz melodiosa. (Falar tudo como se estivesse cantando). Melodrama vem de Drama Cantado, os atores, possuem uma voz etérea como se estivessem cantando.

- Você foi pego roubando uma flor de um jardim. E está condenado à morte. Clame por perdão! (os outros jogadores devem dizer se foi perdoado ou não. Se não obtiver o perdão volte 3 espaços)
- Morra melodramaticamente.
- Mocinhas/Sofredoras andam como se não tivessem muita firmeza. Ande pelo espaço como se flutuasse e diga “Ai de mim”.
- *Circularidade* é uma característica da estética Melodramática. Andem de forma circular e digam “Eu me vingarei”
- Congratulações. Acaba de terminar uma intensa jornada marcada pelas paixões, vilanias e revelações deste gênero. E Agora você se tornou melodramático!

Afastamos as carteiras e estendemos o tapete do jogo no chão. Afastar as carteiras era um pouco custoso para alguns alunos que não queriam sair do lugar. Coloquei as fichas nos espaços da trilha e deixei a roleta em cima da minha mesa em seguida cada grupo girou a roleta para decidir por qual começariam os jogos. As instruções eram que deveriam fazer as tarefas propostas todos em grupo, e que para pião o jogo deveriam escolher um objeto que tivessem a mão para representar o grupo, um estojo, uma moeda, uma garrafa de água, o que quisessem.



Figura 24-Alunos da turma Tony Gourmet em exercício com um jogo inspirado pelo “Jogo da Vida”.

Nas três turmas respeitei a divisão que os alunos propuseram, que obviamente são escolhas por afinidade. Percebo que há um sentimento geral na EJA do Leopoldo Machado, de

buscar o seu lugar de acolhimento e pertencimento, havendo uma separação entre os mais velhos e mais jovens. Nestas três turmas, de forma muito positiva, os alunos se acolheram independentemente da idade. O processo do jogo foi extremamente envolvente.

A turma senhorita Rosa apresentou dificuldades em concentrar-se na tarefa; na turma Mordomo James a grande dificuldade foi de fazê-los entrar no tabuleiro. E a turma Tony Gourmet mostrou-se excitadíssima com a roleta levada para jogarmos.

Se para o teatro nos referimos como jogar, em inglês “to play”, em francês a língua melodramática por essência usamos “jouer”, que significa brincar, é nesse brincar que prefiro direcionar meu olhar.

Estudar o melodrama como um resgate ao brincar, a desamarrar um corpo e uma mente endurecida pela vida. Qual seria a última vez que aqueles alunos de fato brincaram? Fizeram de conta e imaginaram uma nova realidade longe daquela que são submetidos todos os dias.

Era visível nos olhos das três turmas um enorme divertimento, risos e um grande barulho que aguçou a curiosidade de outras turmas que vinham “bisbilhotar” a nossa porta. Claro, que tínhamos entraves no jogo. A proposta era que, divididos em grupo, os grupos escolhessem um objeto que seria o peão do grupo.

O objetivo era que pensassem juntos em algo que os representasse dentro dos objetos que tinham disponíveis, no entanto, a proposta não foi bem entendida, os alunos ou não chegavam em um consenso, ou colocavam qualquer objeto, sem nenhuma troca em grupo. Outra fragilidade a leitura das propostas, os alunos tinham uma enorme dificuldade de leitura e de compreensão.

Nas duas primeiras rodadas na turma Tony Gourmet, ao perceber o início de um constrangimento de alguns alunos, devido a prática de *bullying* entre eles, sutilmente comecei a ler as tarefas.

Todos os alunos estavam numa posição de fragilidade e exposição, alguns estavam prontos a viver o risco do jogo, outros queriam estar perto do tabuleiro, mas não participavam de fato. Preferiam zombar dos colegas, e quando convidados a participar de fato, fugiam. A zombaria era um verdadeiro escudo para as suas fragilidades, afinal, aqueles meninos, pouco sabiam ler. Frutos de um sistema excludente, que os empurrava a frente na escolarização, mas, não os dava suporte.

É interessante perceber que as tarefas práticas, como rir como um vilão, ou chorar como uma sofredora, eram executadas dentro de um mesmo padrão. O arquétipo estava ali, na

memória, e na afetividade das personagens de novelas e filmes que os mesmos citavam. Não se trata de uma execução perfeita, mas, do acesso a algo palpável para eles.

À época da faculdade tive aula de interpretação com o professor Sebastião Lemos, Seba, o mesmo repetia sempre a mesma frase: Teatro pode ser tudo, menos chato. Precisa ser divertido. A voz do professor ecoou na minha cabeça, os alunos estavam vívidos, ou encontrando o lugar de diversão naquela primeira etapa do trabalho.

Ao final daquele momento fui revisando todo o jogo e reforçando as partes teóricas, os alunos repetiam os detalhes e quando eu soltava uma pergunta eles respondiam.

Na segunda etapa dos nossos estudos nos debruçamos sobre os tipos melodramáticos, conhecemos mocinhas, vilões, sofredores e o cômico. Desta vez a ideia era produzirmos um jogo de carta.

No baralho tradicional as cartas têm status, valores que as sobrepõe, apesar da Dama ser uma carta forte, o Rei ainda está acima dela. Na tentativa de aproximar os alunos, escolhi o jogo Uno por ser bem popular entre os adolescentes.

Levei figuras, tesouras, cola e cartolinas e eles confeccionaram o baralho. Eles identificaram as imagens, que eram personagens de novelas e filmes. Confeccionado o baralho, cada turma criou de forma coletiva as regras do jogo.

No jogo Uno, conforme as cartas são jogadas na mesa, os jogadores cumprem uma determinada regra, como mudar de direção o jogo, ou simplesmente citar uma nova cor a ser jogada. Pedi aos alunos que pensassem nas regras originais para criarem suas regras. O primeiro passo para este jogo, então, foi relembrar com os alunos as regras do jogo original. Em seguida, pensar com eles, paralelismos dessas regras com as cartas que eles criaram, com as figuras que levei para sala. Por fim, os próprios alunos criaram as regras para este novo Uno dando inclusive um novo nome ao jogo.

Abaixo descrevo as regras da turma Senhorita Rosa:

Nome do Jogo: Xeque –Mate

Carta da Mocinha: Inara das Dores (falar como uma sofredora)

Vilões: Eu vou me vingar (falar com ares de maldade)

Sedutores: Nesta carta o jogo deve mudar de direção com a frase: É um prazer estar de volta!

Bobo: Já acabou Marcelo?

Gala Maior: Escolher alguém para trocar de cartas dizendo a frase “Me dê a sua mão”

O nome escolhido pela turma é por terem identificado essa frase utilizada no xadrez como uma frase com certo ar de vilania. A turma Senhorita Rosa, usou em suas regras alguns elementos que dizem respeito à própria turma. Inara era uma das estudantes, e as colegas diziam que ela era própria mocinha sofredora. Já o aluno Marcelo, sempre vinha com tiradas, então, seu nome foi direto para carta do Bobo.

A turma Mordomo James foi mais sucinta em suas regras. A verdade é que o jogo para aquela turma era bem pouco popular, eles eram uma turma mais adulta.

Nome do Jogo: Jogo do melodrama

Mocinhas: interpretar\ imitar o que está na carta.

Vilã: tapa na cara falso.

Sedutor: Olhar 43

gala maior: trocar de carta

bobó: contar uma piada

A turma Tony Goumet também criou o seu jogo. Ficando para esta turma as seguintes regras:

Nome do jogo: Bastardo

Mocinha: um suspiro melodramático

Vilão: trocar de cartas

Sedutor: uma piscada sedutora

Bobo: Todos devem dar um tapa na carta. O último a tocar a tocá-la deve imitar um animal

Gala maior: escolha a próxima carta.

O interessante neste momento proposto do laboratório foi perceber as associações feitas entre as personagens, o que eles ouviram ao longo deste processo e ao próprio jogo do UNO. E perceber como os alunos chegaram as regras do jogo. A execução das regras ficou um pouco mais confusa. Seria preciso um número maior de material para a execução de muito mais cartas

para que de fato tivéssemos um baralho. Mas, a criação das regras e pensar as figuras com regras mais benéficas ou não, foi muito interessante.

Outro ponto é perceber a questão da visualidade do Melodrama que é bem forte, e que na prática com este exercício isso ficou muito claro. Já que imeditamente ao verem as imagens das personagens eles já identificavam os tipos.

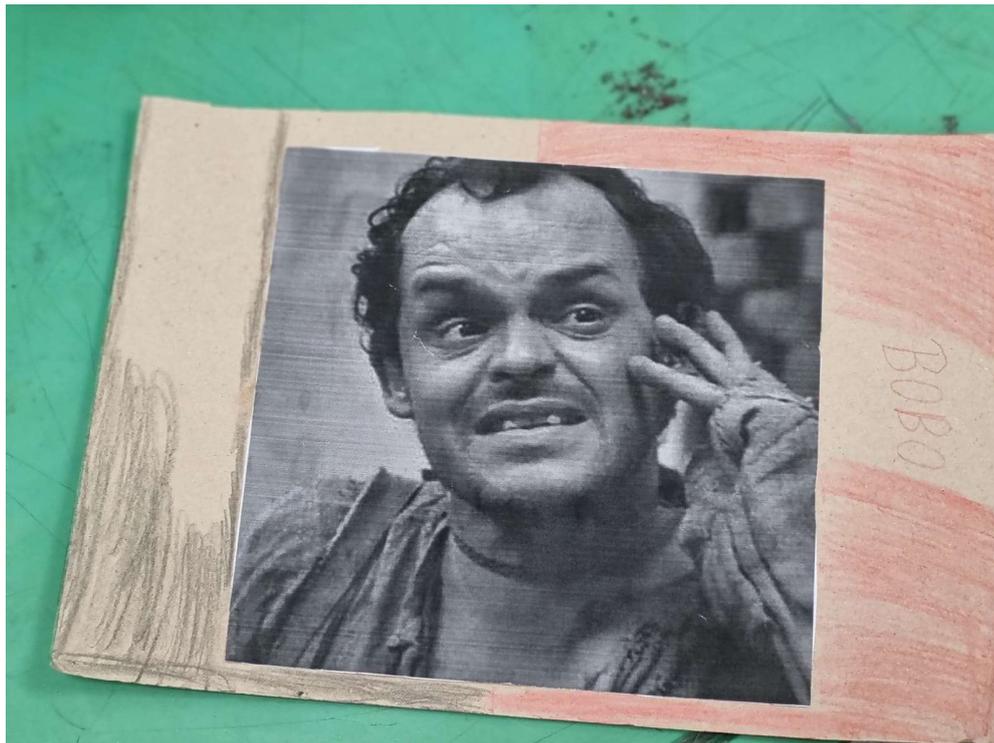


Figura 25 -Carta confeccionada para o jogo inspirado no UNO. Imagem do personagem João Grilo, personagem tipo do Bobo.

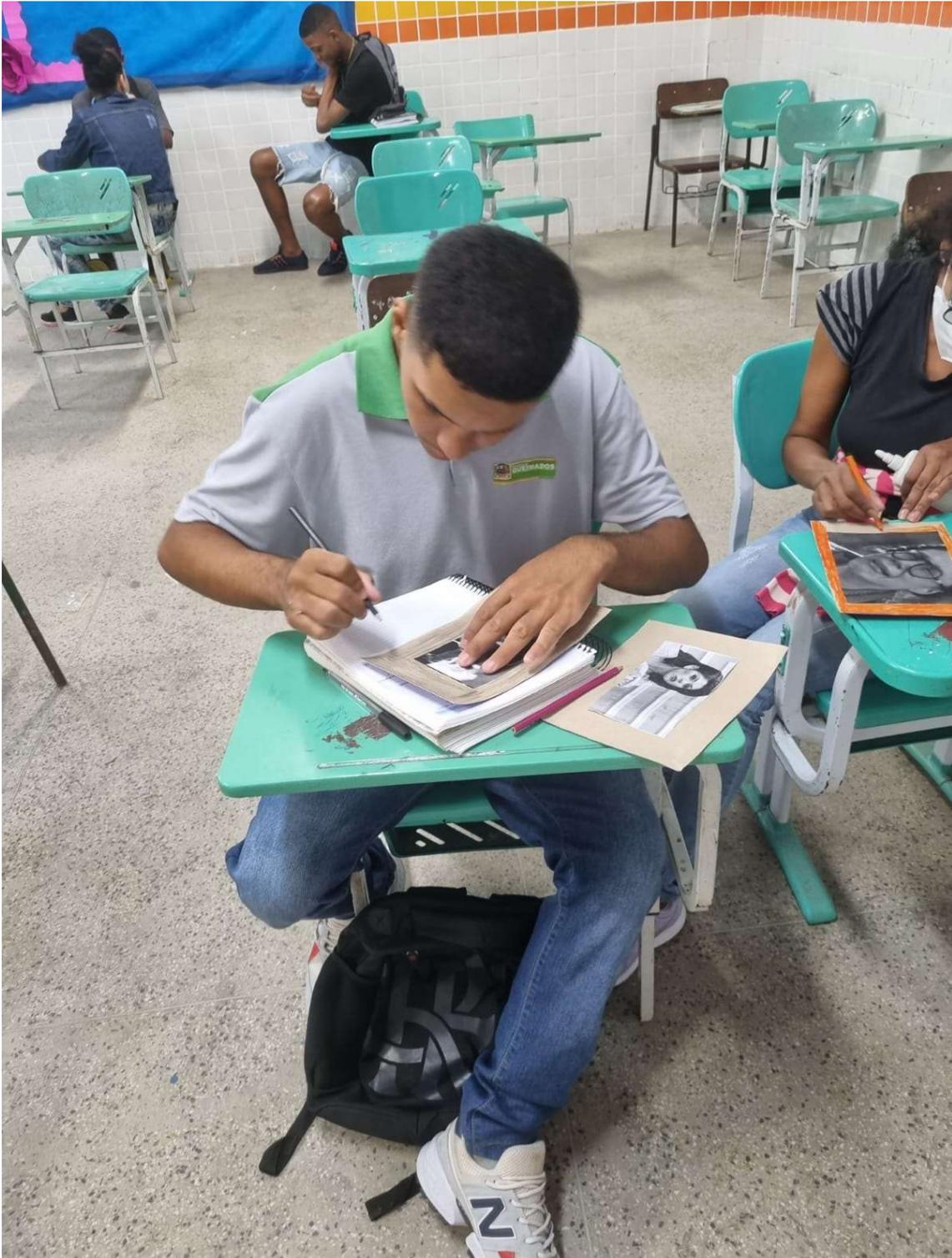


Figura 26- Aluno confeccionando a Carta do próprio baralho inspirado no Jogo UNO.

O jogo intitulado Que Som é esse, foi inspirado em um exercício que realizávamos no Grupo Cochicho; o exercício era utilizado pra trabalhar voz, timbre e nos referimos a ele como o exercício do botãozinho de rádio. O exercício funcionava da seguinte forma: formávamos um grande paredão em linha na parede e era marcado o centro e cada vez que o instrutor fosse andando para direita a música cantada ficava mais aguda, e para esquerda mais grave. Quando

o instrutor andava para frente a música ficava mais lenta e para tras mas rápida e as ações podiam se misturar. Neste caso, com os alunos, troquei as ações grave e agudo por mocinho e vilão e disse que deveriam utilizar o corpo todo para cantar. Sugeri algumas músicas, cantores populares de pagode e sertanejo bem atuais, mas os alunos ficaram perdidos e travavam por conta da letra. E por mais que eu explicasse que não me importava a letra correta, isso os travava, partimos para canções mais simples como *Atirei Pau no Gato*, *Parabéns à Você* e outras cantigas infantis, que fizeram com que os alunos sentissem mais confiança.



Figura 27-Video com a Turma Tony Gourmet no jogo do “Que som é esse?”

Com a proximidade das provas e outros projetos por parte da rede, o tempo ficou mais confuso, e as últimas atividades planejadas para o laboratório precisaram ser replanejadas. Assim, o cronograma da escola como um todo conseguiria ser cumprido. Algumas atividades que eu gostaria de levar com um pouco mais de tempo de experimentação, não pude me estender o quanto gostaria e algumas atividades que tinha elaborado separadas, foram realizadas em um mesmo dia de laboratório.

Desta forma, levei a cena do filme Titanic (1997) em que Jack e Rose se encontram na proa do navio e uma famosa cena de novela, que virou o meme “Eu tô rica”, e pedi que os alunos reproduzissem a cena. Nem todos quiseram participar, mas, a disponibilidade para sair das carteiras a esta altura era bem maior. Para o acontecimento da atividade levei meu computador, a escola possui uma sala de vídeo, mas confesso que não tenho muita habilidade para mexer com o projetor e perderia mais tempo conectando cabos do que experimentando; além de, naquele período do semestre, muitos colegas também estavam utilizando a sala de vídeo (eu mesma cedi a um colega tempos da minha aula para que conseguisse concluir sua atividade com vídeo).



Figura 28-Video das Alunas da turma Tony Gourmet explorando a icônica cena do filme Titanic (1997) na proa do Navio.



Figura 29- Alunos da Turma Mordomo James reproduzindo Cena da Novela Beleza Pura (2008), onde a cena em questão da vila da novela, viralizou como um meme na internet.



Figura 30-Embate de Maria Clara e Laura Prudente da Costa (mocinha e vilã) na novela *Celebridade* (2003/2004) pela turma Senhorita Rosa

No turno noturno, sinto o mesmo que sinto em relação à produção dos trabalhos com o grupo de teatro, Cronos e Aion disputam pelo poder e por quem comandará as nossas ações. Segundo a mitologia grega, Cronos é o tempo que pode ser medido, são as horas do relógio, o tempo que nos devora, que mede os prazos da entrega de um espetáculo, do diário pronto, das tarefas a serem feitas.

Já Aion é o tempo do sentido, da criação, o tempo da experimentação, um tempo que não tem passado ou futuro, mas é o tempo do presente, do que vivemos naquele instante e é este tempo como artista e como docente que tenho buscado viver no meu espaço de experimentação.

O corpo e o jogo do ator tinham sido bem experimentados, mas a dramaturgia é um ponto que muito me interessa como artista, então, ainda precisávamos experimentar o papel do dramaturgo. Primeiro levei algumas cenas de “O Céu uniu dois Corações” de Antenor Pimenta, e fizemos a leitura, em roda. Não tinha a pretensão de ser uma leitura dramatizada, eu sei que muitos alunos tem uma alfabetização mal concluída, leem com dificuldade, e quando leem também tem dificuldade de entendimento; por isso, optei por uma leitura sem nenhum tipo intenção interpretativa. A ideia era conhecermos um pouco o texto, e que eles pudessem ter

contato com o texto melodramático. Mas foi uma experiência marcante. A turma Mordomo James foi a que mais gostou desta atividade, as outras turmas se sentiram mais encabuladas no momento da leitura.



Figura 31 - Video da Turma Mordomo James realizando a leitura de “O Céu uniu dois Corações” de Antenor Pimenta

Foi bem difícil, e deste momento não tenho foto ou tampouco vídeo das outras turmas. Ler e escrever é o mínimo que muitos buscam e ali filmados ou fotografados poderiam se sentir fragilizados, foram semanas em que o Melodrama foi uma forma de empoderamento, de divertimento, e ali mesmo, naquela dificuldade, eles estavam entregues e eu só queria ser o acolhimento.

Apresentei aos alunos o Jogo Detetive, um jogo em que objetivo é descobrir o assassino, e, a partir da sua narrativa, eles escreveriam a narrativa deles. A dificuldade se estendeu para a escrita e inclusive para o entendimento da proposta. Mas, em uma avaliação bem sincera sobre a minha elaboração desta atividade, acredito que também não dei um caminho e suportes que os fizesse de fato aproveitar o jogo do dramaturgo.

A atividade foi apresentada da seguinte forma: mostrei aos alunos o jogo do Detetive, com suas cartas-personagens, os nomes dos personagens também soam bem melodramáticos, e apresentei a motivação do jogo: descobrir o assassino de Carlos Fortuna, indicando o local de seu assassinato e a arma do crime. Eles puderam escolher uma arma, um assassino e um local e desenvolver a história.

Muitos alunos não conseguiram escrever e desenvolver a atividade proposta, de alguns era impossível entender inclusive a caligrafia, e quando eu pedia que lessem para mim, nem os próprios entendiam bem a narrativa que tinham construído.



Figura 32-Alunos da Turma Senhorita Rosa discutindo sobre as narrativas a partir do jogo “Detektive”



Figura 33- Alunos criando suas histórias, pequenas narrativas, a partir dos elementos do jogo “Detektive”

Confesso que me pareceu frustrante no primeiro momento, mas, reavaliando a atividade, eu começaria com outros estímulos, antes de desenvolver um texto tão elaborado. Escrever exige confiança, exige treino e eu precisaria de mais tempo para empoderar meus alunos para a realização de tal atividade. E, avaliando que a regra de um jogo é a sua dramaturgia, de alguma forma, na criação das regras do “UNO melodramático”, criando um título, as relações dos personagens com as cartas, ali eles experimentaram o jogo do dramaturgo.

Reavaliando todo o processo que vivemos, e pensando numa prática dentro da sala de aula, a dramaturgia seria um laboratório de criação à parte, com seus processos e exercícios próprios para serem desenvolvidos.

Durante todo esse processo, a movimentação que criamos na escola foi bem diferente a cada jogo. Alunos de outras turmas saiam de suas salas para nos assistir, e aquilo que era tão íntimo nosso, ganhou uma proporção diferente. Os alunos já nem me cumprimentavam pelo corredor de maneira convencional, eles já passavam por mim simulando as mocinhas e vilões ou soltando frases usadas nos jogos como “Ai de Mim” ou “Eu me vingarei”.

Segundo Ana Mae Barbosa, pesquisadora e arte-educadora, o ensino da arte precisa ser sistematizado em uma proposta triangular: leitura, contextualização e fazer artístico, e assim seguimos nosso laboratório, com a apresentação de leituras, pequenos trechos em formas de cartas dentro de um jogo, contextualizando e produzindo. Mas, segundo a própria autora, é preciso apreciação.

Não estava dentro do previsto para o laboratório, mas, como ocorreu a oportunidade, e a escola a abraçou, no dia 26 de agosto de 2021 conseguimos levar os alunos para assistir “Folhetim” no teatro do SESC Nova Iguaçu. O grupo Cochicho realizaria a apresentação pelo Festival Encontrarte, um importante festival de teatro da Baixada, que desde de 2002 muito movimentou a região, e que anunciava naquele momento a sua possível última edição.

Participar daquele momento era um ato político e histórico, não só para o Grupo Cochicho na Cobia, mas também para aquele grupo de alunos. O festival era gratuito, conseguimos os ingressos e o ônibus, e cerca de 40 alunos e 10 funcionários estavam presentes naquele momento. Alunos, professores, coordenação pedagógica e direção, toda a comunidade escolar, percorreram um caminho longo pela Rodovia Presidente Dutra e chegaram ao Sesc.

Dentre o grupo de alunos não estavam somente os alunos que vivenciaram todo o laboratório comigo, tinham alunos de todas as etapas da EJA, dos mais jovens às mais charmosas senhorinhas. Entre os muitos relatos que ouvi, naquele *hall* do teatro, após a

apresentação, era de como eles tinham se arrumado para ir ao teatro, inclusive, foi o evento mais comentado, durante semanas.

O aluno M., na época com 32 anos, me relatou que nunca foi a um teatro, e que nunca tinha tido interesse de ir.

M: “Eu não sabia como era um teatro, eu já passei da idade, como eu não era mais criança eu achava que não tinha mais imaginação para isso, eu achava que teatro era coisa de criança. Mas, depois que vi essa peça minha perspectiva mudou, é totalmente diferente do que eu pensava. Eu não tinha interesse, ainda mais depois que a gente casa, tem família e uma vida corrida de trabalho. Foi a primeira vez que fui. Achei muito engraçado. Tinha um personagem lá que era mudo, e ele era chamado de Calado, e eu achava que ele era mudo mesmo, mas no final ele era um dos principais vilões.”

Já a aluna A., de 18 anos me fez o seguinte relato:

A: “Já assisti a alguns espetáculos, mas gostei muito de “Folhetim”, mas o que mais me marcou foi no final da peça os atores recebendo a todos os alunos, de forma bem simpática e dando atenção a todos.”

Já em sala de aula, os alunos que haviam assistido e participavam do laboratório, me relataram que conseguiam, após o espetáculo, entender melhor o que eu colocava para eles sobre visualidade do melodrama, sobre as personagens e sobre o enredo. Eles, no geral, achavam engraçado eu citar que o melodrama era um “poço sem fundo”, em que tudo podia ficar pior do que está, até o bem vencer o mal.

Por mais performática que eu procurava ser, era impossível dar conta de toda a ilustração do gênero, e por mais que tivéssemos recursos de vídeo, imagens e afins, a experiência da ida ao teatro foi um momento potente e significativo.



Figura 34- Folhetim, 26 de Agosto 2022 – Encontrarte. Parte da plateia foi formada por alunos da Escola Municipal Professor Leopoldo Machado.



Figura 35-Alunas com o Cartaz de Folhetim.



Figura 36-Alunos na fila de entrada para o espetáculo Folhetim.

2.4 Criando uma caixa de jogos

Passada a experiência do laboratório, passei a adotar definitivamente o melodrama como uma ferramenta e como uma gênero a ser estudado. Alguns jogos passei a adotar para o ensino de melodrama e a partir da experiência com outros jogos do laboratório tenho outras sugestões para serem experimentadas.

2.4.1 Jogo do Melodrama

Este foi o jogo em que utilizei o tapete com os alunos, mas, para os demais colegas sugiro a utilização de bambolês para demarcar a quadra, ou um desenho de um tabuleiro no

próprio quadro. Este jogo é um bom dinamizador para conhecer o gênero, introduzindo sua parte teórica de maneira lúdica.

Para a execução: cartas com as demandas das casas. 1 par de dados, uma roleta ou papéis enumerados de 1 a 6 em que os alunos possam sortear.

Situações propostas pelas cartas: seguem as sugestões na página 53 e 54 do presente trabalho.

Expansão do Jogo: os alunos criam sugestões melodramáticas da vida real.

Exemplos:

“Tomou um pé chute do namorado chore copiosamente”

“Foi Assaltado no ônibus peça clemência e não perca o celular”



Figura 36-Tapete utilizado para a realização em sala. Um desenho de tabuleiro comum com as casas em branco, onde foram depositadas as cartas com as tarefas.

2.4.2 Vamos criar o Uno?

Com este jogo os alunos exercitam também a dramaturgia, afinal, as regras de um jogo são a dramaturgia do mesmo. Eles precisaram criar regras baseando-se nas cartas do Uno

original. Comece enumerando as regras do Uno, e com os alunos, tente identificar que tipo de regra seria pertinente a cada personagem do melodrama. Exemplo: que personagem daria o +4? O que personagem mudaria o sentido do jogo? Através deste jogo podemos apresentar os personagens-tipo do Melodrama mostrando imagens diversas de mocinhos, mocinhas, vilões e sedutoras e pedindo que os alunos as nomeiem segundo o tipo. Em seguida, pode-se propor uma rodada com as regras propostas pelos alunos.

Para execução: cola, tesouras cartolinas, canetinhas e imagens diversas. As regras podem ser construídas no próprio quadro branco, ou criadas uma cartolina com imagens e adereços para ser exposto.

2.4.3. Dixit

Este jogo não foi experimentado no laboratório, mas a adaptação proposta pode ser bem interessante para o trabalho dramaturgico. No jogo original, o baralho possui 72 cartas, e 6 jogadores recebem 5 cartas cada um. A cada rodada um jogador será o narrador que escolherá uma imagem das cartas que recebeu e criará para ela um título. O título pode ser uma palavra, um gesto ou até mesmo o som. Ele repassa o título para os demais jogadores, que em seguida deverão escolher dentre suas cartas, uma imagem que se assemelhe ao título proposto pelo narrador. Os demais jogadores repassam as cartas escolhidas para o narrador e que as enumera de forma aleatória. Os demais jogadores votam para descobrir qual carta seria a correta, a carta original do narrador. O narrador ganha ponto se ao menos um jogador votar na sua carta correta e em uma carta que não seja a sua. Cada outro jogador que conseguir “enganar” o colega, fazendo sua carta ser votada também ganha ponto. No jogo original também existe um tabuleiro, para sala de aula podemos estabelecer a chegada de 30 pontos.

Para execução: Um baralho com imagens melodramáticas. O professor pode trazer o baralho pronto, trazer as imagens, ou pedir que os alunos tragam as imagens para confeccionarem o baralho em sala.

O título precisa ser uma palavra melodramática, um gesto ou som que nos leve a este exagero das emoções. Os alunos podem criar o nome para o seu baralho, trocando nome comercial Dixit, por um de criação coletiva da turma.

Expansão do Jogo: Após algumas rodadas, os alunos podem criar uma pequena narrativa para identificar as cartas.



Figura 37-Imagem retirada do site putzzila, site muito popular que apresenta jogo Dixit.

Sugestão de imagens para utilizar no Dixit com os alunos:

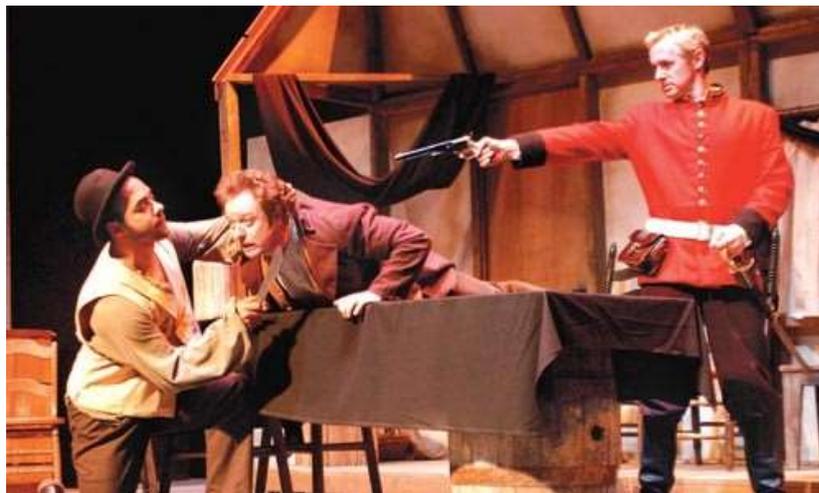


Figura 38-Heróis e vilões: Nate Jdrzejewski (esquerda), Simon Bradbury (centro) e David Whalen estrelam *The Shaughraun*. Foto Suellen Fitzsimmon



Figura 39- A Santa Donzela de Kent.



Figura 40- Desenho de uma figura de desenho animado de um vilão.

CONCLUSÕES

O artista-docente bravamente leva seu espaço artístico para dentro da sala de aula. Transforma as carteiras em palco, o quadro branco em tela, a falta de espaço em passos de dança e o ruído da escola em música, e a potência das suas memórias em possibilidades para a sala de aula.

Através das minhas memórias como artista, ao longo do trabalho, pude perceber que a estrada percorrida enquanto atriz, as minhas escolhas e o chão do meu trabalho são instrumentos para a minha produção dentro da sala de aula. A escola passa a ser sala de ensaio, onde desafio a criatividade todos os dias.

Quando inicio no programa de Mestrado estou imersa em um contexto pandêmico, que me possibilitou viver o programa, já que com as aulas online, o deslocamento até a Zona Sul do Rio de Janeiro no bairro da Urca não seria necessário. É certo que, com o Mestrado de forma presencial, ganharia muito em troca de ensinamentos e aprendizados, e seria também muito mais cansativo o enfrentamento do transporte público ou mesmo a direção depois de um dia de trabalho. Pontos tão presentes na trajetória estudantil dos meus próprios alunos.

E vendo esse desejo de aprimoramento que está em mim, que direciona o meu olhar dentro da minha escrita, um olhar que entende o processo dos meus alunos, um processo de reconhecimento em algum ponto.

Quando iniciei, a ideia era apenas me debruçar sobre o gênero dentro da sala de aula, ao passo em que escrita era desenvolvida, senti muita dificuldade em transmitir para o papel toda minha experiência vivida. Foi difícil escolher quais recortes entre tantos anos de trajetória seriam importantes e que poderiam ser interessantes para a pesquisa, pois são muitas as memórias.

E expor nossas memórias é também expor nossos afetos e ao longo trabalho, percebi que para além do Melodrama, a construção deste trabalho fala sobre o afeto. A linguagem melodramática chegou até mim, depois de longos anos de afetos e construções dentro da minha caminhada artística. A sala de aula é um caminho que abraço devido às inseguranças que me afetaram nesta caminhada artística. E a artista-docente, é o afeto dos meus alunos sob a trajetória da artista que percebe que pode e deve ter as duas facetas.

A construção da minha escrita ao longo deste memorial foi pensada a fim de propor reflexões. Corri o risco de cair em um “olhar apaixonado” ou mesmo em “lamentações”, ao discorrer sob a trajetória do Grupo Cultural Cochicho na Coxia.

Durante o processo do mestrado realizei junto com o professor Paulo Merísio, a disciplina de Metodologia do Ensino do Teatro III. Esta disciplina foi realizada junto aos alunos da graduação do curso de Licenciatura do Teatro. Durante a disciplina, o professor nos apresentou o processo de desmontagem. Segundo Tatiane Santoro de Souza, em seu artigo para o XVII Colóquio em Artes Cênicas PPGEAC/Unirio, a desmontagem cênica é a apresentação do processo de criação daquele ator para uma plateia, ou seja, a partir de uma montagem, o ator recria o passo a passo da sua construção e dialoga com o público, que acompanha como foi o processo do ator.

Um formato pedagógico de apresentar os caminhos que levaram à criação daquele personagem ou espetáculo. Quando me debruço sobre este trabalho, percorro novamente os caminhos que vivi como atriz, como parti para a dramaturgia, os processos diários do grupo e como estes projetos reverberam em minha prática docente.

Quando percebo as figuras que povoam as minhas memórias, não se parecem mais com as personagens que convivo hoje, pois a maturidade e a experiência me fizeram enxergar algumas fragilidades que antes não enxergava; e o porquê de tormarmos alguns caminhos em processos.

O melodrama chega a mim pelo desejo de aprimorar-me e aprimorar enquanto parte de um grupo, em busca de pesquisa e de uma linguagem. A escrita deste trabalho também foi marcada pela escassez do tempo. Este mesmo elemento ao qual refiro-me como desafiador a todo momento, tanto dentro do processo do grupo, como na sala de aula. A falta de tempo marcada pela maternidade atípica, que fez ver outras mulheres, que dentro dos consultórios de terapia também se desdobravam nas escritas acadêmicas, ou assim como eu, enquanto aguardavam o filho na terapia. Certa vez, ouvi a seguinte frase sobre mães pesquisadoras: “mães estão entre os leite e o lattes”.

E claro, esse desejo de formação, não apenas meu, como também dessas outras mulheres que encontrei, não só pela formação, mas pela constante busca por uma melhor qualidade de vida para as suas famílias. E desta realidade que me encontro também, parte o meu olhar para as tantas mães da Educação de Jovens e Adultos, cada qual dentro das suas próprias dificuldades diárias.

A pesquisa é um convite a minha leitora e ao meu leitor a perceberem um trajeto. Por esta razão que, ao ser apresentada pela professora Liliane Mundin às cartografias artísticas, decidi usá-las em forma de jogo de tabuleiro neste processo. A cartografia em artes cênicas é como criar um mapa e estabelecer um ponto de partida e de chegada; e exploramos também o território onde estamos inseridos. Portanto, meu desejo era o de guiar o meu aluno a encontrar o Melodrama, encontrar seus corpos e o espaço da sala de aula, de formas diferenciada.

Com o teatro e minha vivência no território da Baixada Fluminense, criei uma relação de pertencimento e o teatro me fez perceber o meu território de forma diferente, com mais respeito e enxergando a potência que a Baixada tem.

Com a escrita deste trabalho, realizo de alguma forma, uma desmontagem organizada, como em forma de um mapa e uma cartografia de todo o trajeto. Do momento em que o teatro me encontra, até a sala de aula onde eu mesma proporciono um encontro do meu aluno com o próprio Teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- A ROSA Púrpura do Cairo. Direção de Woody Allen. Estados Unidos. 1985.
- CANDHI, Cesário. **Tudo Menos Beterraba**. Mesquita/Duque de Caxias. 2018.
- COTA, Cris. **Folhetim**. Mesquita. 2021
- COTA, Cris. **Melodrama em Jogo**. Mesquita. 2019
- COTA, Cris. **Rádio Cochicho**. Mesquita. 2021
- COTA, Cris. **Rádio Independência**. Mesquita. 2022.
- DIXIT. São Paulo: Galápagos Jogos. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996).
- FREITAS FILHO, Welerson & MERISIO, Paulo. **Melodrama, o gênero na formação do ator contemporâneo**. Revista Horizonte Científico, Uberlândia, vol. 3, n. 1, p. 1-22, dezembro, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4290>
- GAULIER, Philippe. **O atormentador: minhas ideias sobre teatro**. São Paulo: SESC, 2016.
- GUEDES, Thelma. A teledramaturgia e o melodrama. In: MERISIO, Paulo. **Sentidos do melodrama**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- HUPPES, Ivette. **Melodrama: o gênero e sua permanência**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- MERISIO, Paulo. **Sentidos do melodrama**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Credo**. EMI: 1978. Álbum: Clube da Esquina 1 e 2. Duração: 3:02 minutos.
- NUNCA fui, mas me disseram. Produção e direção: Bruno Vianna, Jacqueline Martins, Priscila Marques, Taisa Moreno e Verônica Trindade. Duque de Caxias: Cine Mate com Angu, 2007. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E8sUcveY6XA&t=4s>. Acesso em 02 de setembro de 2024.
- PIMENTA, Daniele. **A Dramaturgia Circense: conformação, persistência e transformações**. Campinas, São Paulo: [s.n], 2009.

SILVA, Flávio Luiz Porto. **Melodrama, folhetim e telenovela anotações para um estudo comparativo.** Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP, São Paulo, n. 15, p. 46-54, 2º semestre de 2005.

SOFREDINNI, Carlos Alberto. **Vem Buscar-me que ainda sou teu.** Giostri Editora; 1ª edição: 1979.

SOUZA, Tatiane Santoro de. **Limites, Deslocamento e Atravessamentos: Um tentativa de conceituar a desmontagem.** XVII Colóquio do PPGAC/UNIRIO. 2017

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

UNO. Uno versão verão. Brasil: Copag. 2010.

PENCO, Renato & VASCONCELLOS, Thaisa“**Mesquita Conta Andersen**” (2005) : Mesquita.

MARTINS , Gilbetor. **Em busca da felicidade** (1941):Brasil.

PENCO, Renato.“**Romeu e Julieta - Amor em Silêncio**” (2011), Mesquita.

ANEXO 1 – Texto:

Folhetim



O espetáculo será dividido por Capítulos. Já que esta é a divisão da radionovela.

1º Capítulo - Cartas de Amor - Uma atriz ou ator ficará no hall do teatro recepcionando o público. A ideia é coletar as histórias de amor da plateia que serão encenadas durante o espetáculo. O ambiente será semelhante a recepção das rádios da década de 40. Onde o público assistia à gravação dos programas de rádio.

2º Capítulo - Com amor, amor se paga. (Abertura Oficial)

A luz do palco “No Ar” se acende. Inicia-se uma abertura. Os atores entram de forma mais coreografada. Ao som da trilha da radionovela Folhetim. Mistura-se um pouco do contemporâneo nos fazendo lembrar as aberturas atuais das novelas televisivas. Em determinado instante apaga-se o resto do palco. Acende-se a luz da “cabine de gravação”, e revela a figura do Locutor principal. A figura é extremamente exótica e exagerada e dotado de movimentos grandiosos como se além da voz seus ouvintes pudessem perceber o seu corpo.

Aurélio Mendonça - Caros ouvintes, começa mais um programa da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Aqui quem vos fala é Aurélio Mendonça a voz sensação da Rádio Nacional. A paixão é um dos sentimentos humanos mais entorpecentes, senhores ouvintes. Capaz de nos levar ao céu e a loucura extrema. Quem comanda nossa história é você querido ouvinte! Suas envolventes baladas de amor são a perfeita melodia para nossa trama. Beijos “calientes” e ternas conquistas irão fazer suspirar o mais gélido coração da burguesa sociedade carioca. E com vocês a radionovela que irá emocionar os seus corações: Folhetim. O Sucesso das ondas Sonoras para você. E não se esqueça, suspire conosco e vote pela “Voz amiga do Seu lar”. E no capítulo de hoje:

(Primeira Carta de amor da plateia) 5 minutos de improviso.

Maria Helena - O que será que irá acontecer? O que nos aguarda nos próximos capítulos? Não perca próximo capítulo de Folhetim. (Apaga-se a luz da cabine)

Após o primeiro imprevisto, a luz da placa “No Ar” apaga-se e os bastidores da rádio acendem.

Brandão Filho (com Carlota) - Mais um capítulo... E com certeza os ouvintes irão me escolher como a “Voz amiga do seu Lar”. Ninguém resiste ao charme de um bom mocinho.

Carlota Moraes - Não se esqueça de que as mocinhas são sempre as preferidas das donas de casa. (como se fosse uma ingênua mocinha) Mas porque você não testa seus doces beijos em mim.

Brandão Filho - Ah minha doce Carlota. Como eu poderei resistir ao seu amor.

Quando os dois atores estão a um ponto de trocar beijos voluptuosos. São interrompidos pela entrada de Anita de Mantemar em cena.

Anita de Mantemar - Aí está você meu amor. Ah Brandão estava à sua procura. Seu personagem está mesmo nas graças do público. E você minha cara Carlota Moraes faz com certeza as donas de casa se inspirarem.

Brandão Filho - Que sorte! Que sorte tenho eu de ser agraciado pela voz mais doce do rádio como minha esposa. Ah Anita, se não fosse os seus beijos e seu amor. Não acha Carlota? Não tenho uma esposa fenomenal?

Carlota - É CLARO! A mais bela atriz da Rádio Nacional. Pena que o público desconhece este rosto de anjo. E imagine que sorte, Anita de Mantemar, casada com o mocinho de todos os corações, Brandão Filho. Uma sorte para poucas.

Anita - Parem vocês dois! Eu fico até um pouco ruborizada com tantos elogios. Mas de fato, sim, sou uma sortuda por estar nos braços do maior galã da Rádio Nacional.

3º Capítulo - Era uma vez: Uma Grande Dama.

Entra em cena, Constança Mayer, esbaforida e causando um grande reboliço em cena

Constança Mayer - Oh céus que infortúnio nos aguarda...eu não consigo crer. O que será de nós? Como podemos sobreviver?

Brandão - Lá vem esta velha bêbada!

Anita - Pobre Constança, não fale assim Brandão. Ela é uma grande dama da Rádio.

Carlota - Foi, minha querida...foi!

Brandão - Agora você não vê? Todo dia uma fuzarca diferente a rondar os bastidores e sempre envolvendo o nome dela. Não se lembram do último quiprocó?

Cena de flashback

Cena cômica

Acende-se a luz dentro da rádio. Vemos a figura de Constança segurando um papel na mão, ao fundo uma voz de locutor a anunciar números

“Agora com vocês mais um anúncio da loteria esportiva 5678249”. *Constança a cada número que vai conferindo vai ficando em êxtase.*

Constança - Não é possível. Minha Dona Mia. Ganhei! Estou milionária.

Acende-se a luz do palco fora da cabine da rádio.

Brandão está a pentear os bigodes quando entra Constança totalmente produzida. Com suas melhores jóias

Brandão - Ora, ora, mas o que temos aqui! Vejamos, se dona Inconsta...que dizer Constança resolveu tirar as velharias do armário.

Constança - Deixe de ser debochado! Você está diante de uma dama. Uma artista encantadora.

Brandão - Um dia foi, minha cara! Agora está mais para uma pobre coitada.

Constança - *Saca o bilhete do bolso e diz triunfante* - Coitada pode até ser, mas pobre nunca mais. Pois eu estou rica!

Brandão - Como assim?

Constança - Como você ouviu... acabei de ganhar o prêmio da loteria esportiva. Veja aqui, (pega um papel e uma caneta e escreve o valor) este é o valor que receberei de prêmio.

Brandão- Tudo isso?

Constança - Agora vá embora. Estou pensando em fazer inclusive uma oferta pela estação de rádio.

Brandão - (dissimulando) Muito justo! Tão bela dama precisa mesmo descansar. E também...

Constança - Brandão, saia por favor... preciso ficar só e pensar nos meus investimentos.

Brandão se retira

Constança - Agora preciso manter seguro este bilhete. (Ela guarda em uma das gavetas de um móvel do estúdio.)

Assim que Constança sai, luz na rádio e revela-se Brandão que estava espionando

Carlota - O que houve Brandão? Parece inquieto, esbaforido ou quem sabe está tramando algo?

Brandão - Não fale besteira meu bem! Eu... eu estava justamente à sua procura. A pouco me liberei da palerma da Anita. E fugi correndo para os teus caprichos. (Toma Carlota nos braços)

Entra Maria Helena em cena distraída

Maria Helena - O script de hoje já está nas minhas mãos eu vim trazer...e (percebe o clima e fica desconfiada). Desculpe, interrompo algo?

Carlota - Ah, obrigada Brandão...eu mal me alimentei hoje. Sabe Maria Helena tive uma súbita queda de pressão! Para minha sorte brandão me segurou. Imagina o vexame. Estatelada aqui neste chão, céus que vergonha.

Maria Helena - Que bom que Brandão estava aqui! Mas venha Carlota, venha comigo! Vou lhe ajudar.

As duas se retiram e Brandão fica só

Brandão - Finalmente! Agora sim, terei este bilhete inteiramente só para mim!

Pega o bilhete e guarda dentro de um vaso,

Brandão - Aqui estará mais seguro! (em seguida sai)

Entra Anita que por descuido derruba o vaso e percebe o bilhete.

Anita - Oh, não acredito quase quebrei o vaso favorito de Aurélio. Mas, o que é isso! Uma vergonha, uma tragédia, um pecado! Fizeram o vaso de lixeira. Mas eu mesma irei descartar isto aqui.

Pega o bilhete e sai.

Entra Aurélio

Aurélio - Anita, Brandão., Maria Helena...por favor! Carlota, venham para a reunião de pauta.

Os personagens tomam o palco, menos Maria Helena e Constança

Aurélio - Vamos iniciar mesmo com este pequeno desfalque de elenco... Bem, um de nossos patrocinadores decidiu criar uma disputa saudável na Rádio. O concurso "A Voz...(Constança o interrompe)

Constança - Não preciso participar deste momento medíocre com pobres mortais! Ainda mais por que tenho uma revelação a fazer. Eu estou rica!

Todos - Ohhhh

Brandão ri dissimuladamente.

Constança - Eu ganhei na loteria. Conferi pela rádio hoje de manhã.

Aurélio - Que audácia... a emissora concorrente! (Quase desmaia e é socorrido por Carlota)

(Constança abre a gaveta e descobre que não há bilhete lá.) Tem um enorme siricutico e cai ao lado de Aurélio. Agora Carlota e Anita tentam reanimar os dois. Brandão vai até o vaso, triunfante, mas percebe que o vaso está vazio e começa a se desesperar.

Percebendo a alteração do marido, Anita se dirige a ele.

Anita - O que foi meu amor? Está diferente? Me parece distante?

Brandão - Sabe é que hoje eu deixei um papel bobo dentro deste vaso. Um papel sem importância. Eu mesmo o jogaria fora, sabe como é Aurélio com limpeza.

Anita - Claro que sei... por isso eu mesma o rasguei e joguei fora amor!

Brandão começa a passar mal e também cai em uma cadeira

Entra Maria Helena estranhando toda a cena

Maria Helena - O que houve?

Todos começam a falar ao mesmo tempo. Mas Constança por fim toma a palavra

Constança - Leninha você não acredita! Meu bilhete premiado da loteria, sumiu! E eu que era tão rica, fiquei tão pobre.

Maria Helena - Bilhete? Acaso está falando desse aqui? Ah, Constança, sua cabeça de vento. Você hoje pela manhã trocou seu bilhete com o papel onde estava o número do meu médico. Acho que você nunca enriqueceu!

Fim do flashback

Brandão - Só está louca para armar tamanha confusão!

Anita - Pobrezinha ela só confundiu os papéis...

Brandão - Eu que sei...eu que sei!

Anita - Como disse meu amor?

Brandão - Nada minha querida, nada. Mas diga velha louca, diga!

Constança - Vocês não imaginam...parece que os patrocinadores não estão satisfeitos com o rendimento da radionovela. E estão querendo fazer algo terrível!

Anita - Fechar a Rádio Nacional?

Constança - Não minha filha, que isso, só acabar com o concurso a "A Voz Amiga do seu lar"

Brandão e Carlota - Ohhh.

*Apagam-se os bastidores. A placa "No Ar" acende-se e nitidamente vemos dois atores discutindo.
Vinheta. Comercial*

Aurélio - Você deseja se sentir bela?

Maria Helena -Talvez você espere que alguém lhe chame de bela?

Aurélio - Pois não espere mais. Use agora mesmo o perfume "Cheiro Bem"

Música de Comercial

4º Capítulo - Ondas melodramáticas

Aurélio - Estou muito preocupado, Maria Helena. Sem este concurso temo pela audiência da rádio e por um efeito dominó, está de lascar o cano.

Maria Helena - Entendo Aurélio, sem esse frisson nos ouvintes temo inclusive pelo fechamento da rádio e por nossos empregos. Imagina, não poder mais dividir o microfone ao seu lado.

Aurélio - Seria mesmo muito ruim... e Anita é tão frágil. Ela, é tão doce e gentil...

Maria Helena - Ela tem Brandão, é o marido dela.

Aurélio - Brandão é um canalha. Não enxerga um palmo diante do nariz.

Maria Helena - Você também não. (sai de cena)

Luz na rádio. Acende-se "No Ar". Ocorre mais um momento de improviso com uma carta de um leitor

Anita - Aurélio, sinto você tão preocupado.

Aurélio - Ah, minha querida... com toda essa confusão. Os patrocinadores querem encerrar o concurso da Rádio. E é o que traz mais brilho à nossa audiência.

Anita - Eu imagino...e penso no pobre Brandão e Carlota. Eles já dão como certa a vitória.

Aurélio - Pois, para mim, você é quem deveria ser A voz.

Anita - Eu? Imagina... ninguém resiste as mocinhas de Carlota. E como poderiam amar minha voz e meus personagens?

Aurélio - Anita, você é mais do que uma voz. Se pudessem ver o rosto da artista que é você.

Anita - Oh Aurélio...

Entra em cena Carlota

Carlota - Interrompo algo?

Anita - (Meio Perturbada) Não, nada. Vou repassar o roteiro com Maria Helena. (SAI)

Carlota - Aurélio, se eu não o conhecesse diria que estava derretendo-se pela Anitinha.

Aurélio - Anita é esposa de Brandão.

Carlota - É, mas é uma tola... (em tom muito sedutor) Pois eu, iria preferir você! Um homem inteligente, um artista incrível. Dirige esta rádio tão bem. Diria até que você anda tenso e nervoso, precisa relaxar, curtir. Eu poderia criar até uma história pra você. Imagina, "Em busca da Felicidade!"

Onde o mocinho encontra uma mulher bela, atraente e fica perdidamente alucinado de amor e desejo. Que tal? Eu acho... que eu poderia fazer essa mocinha? E quem sabe assim ser a Voz da rádio e livrá-la de qualquer perigo.

Aurélio fica meio inebriado pela sedução de Carlota, mas, é salvo pela entrada atrapalhada de Constança

Constança - Ui, desculpem...eu estava aqui, dá licença Carlota... pensando, e se nós modificássemos um pouco a nossa radionovela? Por exemplo, eu podia fazer o papel de uma mulher fatal... o que acham? Eu tenho porte. Outro dia mesmo me disseram que eu poderia ser Miss Varre-Sai.

Carlota - (Debochada) Sim, claro...o porte é o melhor. Aurélio, querido, pense no que te falei.

Aurélio se despede desconcertado

Constança - Ah, percebo que você acredita estar na boca da espera. Não é Carlota?

Carlota - O que está a dizer, minha cara?

Constança - Ora, Carlota se eu tivesse a tua cintura. A tua volúpia...eu também jogaria com estas armas para conseguir o que quero. Como dizem os mais jovens hoje... estes teus mocotós são um esplendor. Uma mulher boazuda como você sabe muito bem como jogar.

Carlota - Posso lhe confidenciar algo, querida Constança? Vá lamber sabão. (saindo) Mocotó? Ora essa...

Constança - Não acredito, foi um elogio tão sincero.

Luz na rádio uma melodia de mistério. Vinheta que será cantada pelos rapazes "Conselhos para remendar corações" E uma figura misteriosa surge dando conselhos amorosos.

Anita/Madame Berta - Está sofrendo de amor? Eu tenho a solução!

Carlota/Luiza - Querida Madame Berta... Estou perdidamente apaixonada pelo meu colega de escritório. O único problema é que ele não me vê nada mais que como uma amiga. O que eu faço, Madame? Graciosamente, Luiza

Anita/Madame Berta - Querida Luiza, só o amor é capaz de construir pontes. Não seja tola, meu bem, lute, lute forte e conquiste o homem da sua vida. Uma andorinha só não faz verão, mas vale um pássaro na mão do que dois voando. E não tenha medo de lutar pelo que quer, pois, mesmo em batalhas difíceis, quem com ferro fere com ferro será ferido.

Vinheta Cantada pelos rapazes

5º Capítulo - Pior cego é aquele que não quer ver

Maria Helena - Ah, como sofro, que triste ilusão! Eu me sinto completamente apaixonada e só ele que não percebe. Ah, se soubesse como me sinto e como vivo a suspirar por seu amor. Ahh, Auré...

Brandão - Maria Helena...está a falar sozinha?

Maria Helena - Não é nada. Estava a revisar os capítulos da radionovela e contar os votos da audiência e do concurso...mas o que faz aqui tão tarde?

Brandão - Eu que me pergunto o que uma mulher tão bela faz assim aqui tão tarde? Aurélio é mesmo um tolo. Não perceber suas inúmeras qualidades. Posso lhe ajudar se quiser?

Maria Helena - Aurélio é um tolo mesmo...mas eu não! Acredita mesmo que eu cairia neste seu charme barato?

Brandão - Que arisca! Gosto assim...(tenta agarrar Maria Helena)

Anita entra e se depara com a cena

Maria Helena - Pare Brandão, você está louco?

Brandão - Sim, você me enlouquece Maria Helena!

Anita - Brandão?

Brandão - Anita! (Dissimulando) Meu amor, que bom que chegou...esta mulher é louca. Agora mesmo lhe dizia como me enlouquece com estas tentativas estapafúrdias de me tirar de ti, meu amor.

Anita - Maria Helena, como pode? Você era minha amiga.

Maria Helena - Anita, por favor, não é possível que você irá acreditar nesta mentira deslavada de Brandão.

Anita - Estou tão perdida, tão confusa!

6° Capítulo - São muitos os capítulos.

Acende a luz na rádio "No Ar"

Aurélio - Caros ouvintes, a carta de hoje fala de amor. Uma história envolvente. Ouvidos bem atentos. A nossa heroína (ou herói) irá viver momentos excitantes e icônicos. Perceber um amor é algo realmente possível?

Maria Helena - Será fácil viver essa paixão? É possível uma história assim? Não perca o capítulo de agora de Folhetim.

Improviso de mais uma carta da plateia

Maria Helena - Você ficou com o capítulo de hoje de Folhetim. É PRECISO ver além das aparências.

Um jogo de triangulação acontece no palco. Maria Helena dentro da cabine de transmissão, Anita em uma ponta do palco, Carlota e Brandão em outra ponta

Luz em Anita

Anita - Que audácia!

Luz em Maria Helena que estará na cabine do rádio como se ainda estivesse narrando

Maria Helena - Abrir os olhos para a realidade...

Luz em Carlota e Brandão

Carlota - E a tonta da Anita acreditou mesmo que Maria Helena estava a seduzir você?

Brandão - Claro, meu amor, como esperávamos.

Luz na rádio Maria Helena

Maria Helena - Será que os nossos heróis de Folhetim irão superar os obstáculos?

Luz em Anita

Anita - Jamais vou superar sua traição!

Luz em Brandão e Carlota

Brandão - E Aurélio?

Carlota - Um tolo, nunca superou Anita preferir você! E continua apaixonado por Maria Helena.

Luz em Maria Helena

Maria Helena - Caros ouvintes, como nossos mocinhos e mocinhas irão reagir? Será que desistirão do amor?

Luz em Anita

Anita - Eu desisto! Eu vou partir! Não irei suportar estar mais ao lado de Maria Helena.

Luz em Carlota e Brandão

Carlota - Espero que isso seja o suficiente para tirarmos Anita do caminho. Quem diria? Logo as suas personagens que agradariam tanto ao público.

Brandão - Se bem a conheço isso será o suficiente para tirá-la do nosso caminho.

Carlota - E o sucesso será nosso.

Luz na rádio em Maria Helena

Maria Helena - Será que o mal irá vencer? Não percam queridos ouvintes os próximos capítulos de Folhetim. Fiquem agora com “Repórter Esso”

7º capítulo - Calaram-se as flores

Vinheta do Repórter Esso. Percebe-se um clima tenso em toda a Rádio Nacional. O elenco está agitado. Entrará “NO AR” uma notícia difícil e conflitante.

Conforme o Locutor dá a notícia. Os outros atores constroem fotografias no palco. As luzes acendem e apagam revelando “imagens” da notícia. Imagens que misturam o passado e atual. De forma que o espectador leve um tempo para perceber se a notícia está dentro da década de 40 ou na atualidade.

Aurélio - Com vocês mais uma edição do seu Repórter Esso. E atenção, atenção aqui fala o seu repórter Esso, a sua testemunha ocular da História. Hoje morre um líder. Um Mito na nação, predestinado a ser o Salvador do País. Foi militar, de boa família, defensor da moral e dos bons costumes.

Em seu discurso, via-se um certo desprezo pelos seus contrários, negros, pobres e homossexuais. Cristão fervoroso, nunca tolerou bem aqueles que continham uma crença contrária. Com forte apreço a uma construção de uma identidade nacional. Seria certo? O País acima de tudo, Deus acima de todos?

Sem apreço por questões ambientais, conseguiu muitos seguidores, no entanto também é repudiado por uma grande parcela da nação. Sobretudo, artistas, mulheres, homossexuais e negros, ou seja, por aqueles que o próprio rejeitava. Hoje dia 30 de abril de 1945, cometeu suicídio Hitler. Isso é fato! Afinal, senão deu na Esso não aconteceu.

Ouve-se um grito, um misto de alívio e horror

Constança - Finalmente!

Brandão - Lá vem a velha louca. O que foi desta vez?

Aurélio - (saindo da cabine) Calado Brandão! Para Constança existem muitas lembranças difíceis nesta notícia.

Brandão - Por mim, uma pena! Um país sem pulso não é um país. E isso é frescuragem dela. Mulher! Ela é mulher, Aurélio. Mulheres são frívolas. Triste, será se dermos voz a elas. Imagine? Se um dia dermos uma fraquejada e formos governados por uma? Será o caos!

Maria Helena entra na sala. Vem direto consolar Constança. Seguida dela está Carlota

Maria Helena - Oh Constança, lembrei de você ao ouvir tal notícia.

Constança - Fugimos! Eu e minha família. Artistas, ciganos, que éramos, nem sei como dei essa sorte. Ainda ouço os gritos, o horror. Por sorte, fugimos ainda no início da ascensão deste monstro. Por isso, estou viva, e consegui fugir. Uma dor insuportável em meu peito.

Carlota - (debochada) Um parafuso a menos e doses de uísque a mais isso com certeza.

Maria Helena abraça Constança

Constança - Foi insuportável, lembro de estar escondida. A família toda foi pega. Vi meus irmãos morrerem, o meu amor, a quem jurei viver perdidamente apaixonada por seus beijos ser assassinado. Me salvei, porque consegui fugir. Mas antes, torturada, humilhada, eu e minha filha. Catarina, foi molestada, e Frederico, meu neto, apanhou muito, não sei o que isso pode ter causado nele. E ao chegarmos ao Brasil a vida brutalmente nos separou. A última coisa que sei de Catarina é que ela morreu e Frederico ficou pelo mundo.

Maria Helena - Céus, Constança! Que história triste. Eu sinto, sinto muito por você.

Constança - Agora que o horror terminou, eu posso revelar, o meu neto está vivo e trabalha nesta emissora. Nunca havia falado nada, com medo de que por sua origem, alguém o levasse a viver novamente o horror que vivemos.

Carlota - Espere! Brandão! Brandão foi adotado! Brandão é o neto de Constança!

Todos - Ohhhh

Costanza - Brandão, meu Brandão. (Corre e abraça Brandão que visivelmente está desconfortável)

Brandão - Me solte, sua louca...nem neto você deve ter. Não sou adotado. Inventei essa história...Ora, não me olhem assim, isso me torna um galã mais interessante para as ouvintes. O pobre menino que superou dificuldades...

Constança - O meu neto...

Aurélio - Foi criado por freiras. Mas tinha sangue de artista...

Constança - Carregava uma medalha de Santa Sara...

Aurélio - Exatamente esta aqui.

Aurélio e Constança se abraçam

8º capítulo - "Tudo se revela"

"No Ar" se acende

Aurélio - O amor sempre se revela! Tudo é encontro e desencontro. Com vocês, caros ouvintes, mais um capítulo de Folhetim. A sua radionovela que irá estremecer seu coração.

Última improvisação com as cartas da plateia

Brandão - (com certo cinismo) Ah, que cena comovente... neto e avó juntos! Parece até fim de radionovela.

Carlota - Agora mesmo só falta um lindo reencontro amoroso.

Maria Helena - Vocês me parecem entender demais de assuntos amorosos, não é mesmo?

Aurélio - Parem com isso...estou feliz demais por reencontrar o meu passado. E principalmente de perceber que agora está tudo bem. Com o clima de tensão indo embora definitivamente, a rádio irá de vento em popa. Acho que chegou a hora de decidirmos sobre "A Voz".

Brandão - Claro, bem o público deve ter tomado uma sábia decisão.

Carlota - Sim, decidi sobre mim.

Aurélio - Na verdade, não.

Brandão e Carlota estremecem ofendidos e surpresos

Constança - Então sobre, quem?

Carlota - (surtando) Anita não!

Aurélio - E qual seria o problema de ser Anita?

Brandão - Ela já até saiu da rádio. (Tentando controlar Carlota)

Carlota - Foi tarde... Aquela songamonga. Achando mesmo que Brandão iria preferir Maria Helena, mal ela sabe que é a mim. A mim que ele deseja. São nos meus braços que ele fica.

No perfume do meu lençol que se refugia.

Constança - Pobre Anita.

Anita - (Entra em cena) É verdade! Isso é verdade Brandão? Eu que entreguei o meu coração. O meu amor, a minha vida inteira em seus braços. Trocada por Carlota. E quase perdi a amizade de Maria Helena.

Maria Helena - Oh Anita... Eu jamais trairia sua confiança.

Anita - Eu sei...e sei que você é apaixonada por Aurélio. Por isso voltei! Quanto a você, Brandão... é melhor me esquecer.

Brandão - Não Anita, meu amor, por favor, não!

Carlota - Amor? Eu tentei seduzir Aurélio para acabarmos com Anita. Você deu em cima de Maria Helena, tudo para ganharmos esse maldito concurso. E vai pedir pra ficar com ela?

Aurélio - Cala a boca vocês dois. Fora da minha rádio. Fora daqui. Agora é a vez dela de assumir seu lugar de A Voz eleita pelas ouvintes, e também de ocupar um lugar em meu coração.

Apaga-se a luz no palco. Acende a placa "No Ar". Ouve-se a voz de Aurélio

Aurélio - Agora com vocês ela. Que conquistou o coração das minhas amigas da Rádio Nacional. A mais votada. Ela que agora é "A voz amiga do seu Lar".

Acende-se a luz da cabine e revela a figura de Maria Helena

Maria Helena - Obrigada, caras ouvintes, eu Maria Helena, a sua "Voz na Rádio Nacional e no seu lar" fico feliz em todas as tardes iniciar sempre mais um capítulo de Folhetim...

Aurélio - E não esqueçam, queridos ouvintes, o amor pode estar mesmo ao seu lado.

Fim

ANEXO 2: Encontro e Entrevista com os fundadores do Grupo Cochicho na Coxia

Para entender melhor um pouco a história entrevistei ambos. Transcrevo abaixo trechos das entrevistas realizadas no dia 21 de Julho de 2023, no Centro Cultural Oscar Romero. A princípio, o desejo era de realizar a entrevista com os dois fundadores juntos, no entanto, não foi possível. No entanto, realizar a entrevista de forma individualizada foi importante para refletir e compreender o ponto de vista de cada um, sem que houvessem influências. Talvez em conjunto isso não ficasse tão claro.

Início com a Thaissa Vasconcellos, como a primeira entrevistada:

Cris – Por favor, me diga seu nome completo, nome artístico e função no grupo Cultural Cochicho a Coxia.

Thaissa – Thaissa Azevedo Saraiva Vasconcellos, nome artístico Thaissa Vasconcellos e sou produtora no grupo.

Cris – O que motivou fundar o grupo Cochicho na Coxia?

Thaissa – A princípio foi a necessidade de criar um próprio lugar para trabalhar. Era muito difícil conseguir um lugar que te acolhesse. A gente participava de um grupo, em que de uma hora para outra, nos vemos sem a possibilidade de continuar naquele lugar. Não tinha muita opção, então, foi a necessidade.

Cris – Como você percebe como se estrutura o Cochicho hoje? Existem pessoas mais nucleares? Pessoas por volta? Quem seriam esses integrantes?

Thaissa – Hoje nós temos as produtoras, que captam trabalhos, idealizam projetos. [Thaissa não cita o nome das produtoras, mas, deixo registrado quem hoje está nesta função: Ana Carolina Reis, Larissa Freitas, Crislaine Lopes e Jeniffer Lemos.] E existem atores que se aproximam mais de uma estrutura de grupo, Diego Lessa, Lorryne Azeredo, Cris Cota, Palloma Sobreira, Fabiane Dias e Renato Penco. Essas pessoas são mais um núcleo, porque elas se juntam, independente de um projeto ou um espetáculo, uma apresentação paga, com objetivo de promover a arte. E existem outros atores, até produtores e oficinairos que são praticamente contratados para determinados trabalhos. E aí tem mais de 20 pessoas que trabalham em diversas ações.

Cris – Então, hoje você vê o Cochicho como um grupo mais comercial com trabalhos artísticos pontuais?

Thaissa – Sim. É uma empresa, mas também com objetivos artísticos, de melhorias, de formação de plateia, de desenvolvimento artístico que não visam só os lucros.

Cris – O Melodrama entrou no grupo de que forma?

Thaissa – A parte mais nuclear do grupo não tem uma identificação com o humor fácil e quando nos vimos dinte de um gênero em que este humor não vem de forma fácil, percebemos neste gênero a possibilidade de

desenvolvimento artístico. E também uma forma prazerosa de estudar. Queríamos algo que não fosse pesado e que tivesse a cara do grupo.

Cris – Você acredita que o Melodrama tem apelo comercial?

Thaissa – Não, e é por isso que ele está na parte mais artística do grupo. No desenvolvimento de linguagem. É por ele não ter apelo comercial que ele não condiz com a busca pelo financeiro da empresa.

Cris – Mas, você vê o gênero influenciando mesmo os trabalhos mais comerciais do grupo?

Thaissa – Sim, por ser a linguagem que os atores estão estudando. Eles acabam levando a linguagem para os espetáculos que temos que montar a toque de caixa. E isso é muito bom porque senão nossos espetáculos seriam puramente comerciais.

(Entrevista com Thaissa Vasconcelos, Mesquita, 2023)

Em seguida conversei com Renato Penco, sócio de Thaissa e também fundador do Grupo Cultural Cochicho na Coxia.

Cris – Qual seu nome completo e profissão?

Renato – Renato Penco Ferreira. Produtor, ator e diretor.

Cris – O que motivou criar o Cochicho no Coxia?

Renato – Foi um processo muito natural. Nós tivemos um professor de teatro no Ensino Médio que foi nos orientando, ele era formado pela Unirio, foi nos falando sobre o THE. Ai começamos a participar de um grupo de teatro. Thaissa e eu estudávamos juntos. Só que começamos a perceber algumas atitudes não muito legais. O responsável era muito opressor. E ai numa sala de aula enquanto fazíamos projeto escola decidimos fundar o Cochicho. Ficamos brincando com possibilidades de nome. Então, Thaissa, Michele e eu fundamos o Cochicho na Coxia. A necessidade de criar um modo nosso de trabalhar.

Cris – Como você vê a forma como se estrutura o Cochicho na Coxia?

Renato – Eu vejo o Cochicho como um grupo de multilinguagens. A gente percebeu que ao longo dos anos nós precisávamos agregar outras linguagens para manter o grupo de teatro vivo. Abraçar outras linhas de ação, de base teatral, mas que agregassem.

Cris – Você enxerga o grupo como um grupo mais artístico de pesquisa ou um grupo mais comercial?

Renato – É um grupo comercial, mas que tem uma linha de pesquisa. Dentro de um grupo grande de colaboradores. Não só atores.

Cris – Quem são, pra você, as pessoas que fazem parte do grupo Cochicho?

Renato – É muito louco pensar que aqui as pessoas que se autodenominam do grupo. Nós não pedimos para entrar ou sair, as pessoas chegam até nós, e com o tempo percebemos quem de fato é grupo ou não.

Cris – E qual é a linguagem de pesquisa do grupo hoje?

Renato – É o melodrama.

(Entrevista com Renato Penco, Mesquita, 2023)